

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Eliane Moreira da Costa Paz

**OS ADOLESCENTES EM CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA
RELIGIOSA: COMPARAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS**

Recife -PE

2015

ELIANE MOREIRA DA COSTA PAZ

**OS ADOLESCENTES EM CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA:
COMPARAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Campo religioso brasileiro, cultura e sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar Libório

Recife -PE

2015

ELIANE MOREIRA DA COSTA PAZ

**OS ADOLESCENTES EM CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA:
COMPARAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Ciências da Religião e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

Prof. Dr. Alessandro Medeiros do Nascimento
Universidade Federal de Pernambuco
Titular externo

Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior
Universidade Católica de Pernambuco
Titular interno

Recife-PE

2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me sustentou nas Suas mãos.

Ao meu Marido, pelo incentivo, companheirismo e generosidade com que assumiu como suas as minhas atribuições familiares, sem limite e exigências, ao longo de todo o trabalho.

Aos meus filhos, pela dádiva de tê-los como filhos e pelo amor puro e sincero que torna a vida e a luta mais recompensadoras.

Aos meus pais, pelo carinho, dedicação e força espiritual.

Ao meu orientador, pelo seu apoio desde o início desta jornada, pela excelente orientação, pela sua dedicação, competência, disponibilidade, exemplo e amizade.

À Banca de Qualificação pela contribuição para o enriquecimento do presente trabalho.

O respeito pela vida religiosa dos outros, por suas opiniões e seus pontos de vista é um pré-requisito para a coexistência humana. Isso não significa que devemos aceitar tudo como igualmente correto, mas que cada um tem o direito de ser respeitado em seus pontos de vista, desde que estes não violem os direitos humanos básicos (GARDNER, 2006, p. 17).

RESUMO

A mídia veicula diariamente o surgimento de tantos grupos religiosos novos, muitas vezes, frutos de uma crise de fé e de poder em relação a outros grupos religiosos mais tradicionais, relativizando e rompendo a pertença religiosa a uma determinada Igreja ou grupo religioso. Esta pesquisa tem como objetivo fazer uma abordagem referente à crise de fé e de pertença religiosa existente nos dias atuais na vivência dos adolescentes católicos e protestantes (evangélicos). A finalidade, portanto, desta pesquisa é compreender como acontece a crise de fé e o distanciamento dos adolescentes que crescem e vivenciam uma prática religiosa dentro das Igrejas e depois delas se afastam. A pesquisa será feita em dois contextos diferenciados, no município de Boa Vista-RR, um católico e outro protestante (evangélico) para uma posterior análise comparativa. A pesquisa será conduzida com jovens de duas Igrejas (católica e evangélica). Será utilizado um questionário misto, com questões fechadas e abertas. Também realizar-se-ão observações no contexto religioso, ou seja, nas Igrejas pesquisadas. A metodologia empregada é uma abordagem de cunho quantitativo, qualitativo e descritivo a partir dos dados da pesquisa de campo. A análise de conteúdo orientará o processo de interpretação das respostas às questões abertas. As perguntas fechadas serão submetidas a tratamento estatístico simples (porcentagem). Os resultados da Pesquisa de campo foi uma análise dos dados obtidos com a construção de uma proposta que auxilie na solução das crises de fé e de pertença religiosa que praticamente não existe na amostra pesquisada. Os evangélicos são semelhantes aos católicos: na crença em Deus (100%), na infelicidade quando afastado das Igrejas (100%), excelente concepção de Deus (100%), nenhum adolescente se considera melhor que os de outra Igreja (100%), a família e os amigos influenciam na crise de pertença do adolescente, os novos conhecimentos científicos e as práticas socioafetivas e sexuais abalam a fé do adolescente, duvidam da existência de Deus (50%), a religião ajuda a dar sentido à vida e a exercer eticamente uma profissão (100%) participação nos grupos de jovens com filantropia (60%) e todos se consideram pessoas espiritualizadas (100%). Os católicos são diferentes dos evangélicos: na fé e ação (C: 80%; P: 65%), frequência semanal à Igreja (C: 25%; P: 70%), conhecimento profundo da doutrina (C:10%; P:50%), leitura da Bíblia Sagrada (C: 10%; P: 70%), razões do abandono da Igreja (C: Pecado:50%;P: Conflito emocional: 60%), razões da conversão a outra Igreja (C: amigas erradas: 40% e sentir-se magoado: 40%; P: não sentir-se bem: 40% e amigas erradas: 30%), entre outras características de menor importância.

Palavras-chave: Identidade e práticas sociorreligiosas, Crise de Fé, Adolescentes, Pertença, Igreja.

ABSTRACT

The media daily conveys the emergence of many new religious groups often fruit of a crisis of faith and power over other more traditional religious groups, thus balancing and breaking the religious membership of a church or religious group. This research brings an approach on the crisis of faith and religious affiliation existing today in the experience of Catholics and Protestants Teens (evangelicals). The purpose, therefore, of this research is to understand how it happens the crisis of faith and the distancing of teenagers growing up and experiencing a religious practice within the churches and after they depart. Search will be made in two different contexts, in Boa Vista-RR, a Catholic and the other Protestant (Evangelical) for further comparative analysis. The research will be conducted with young people from two churches (Catholic and Protestant). A mixed questionnaire with closed and open questions will be used. Also performing will be observations in the religious context, this is, in the surveyed churches. The methodology is a qualitative study approach, descriptive and quantitative from the field survey data. Content analysis will guide the process of interpretation of the answers to open questions. Closed questions are subjected to simple statistical analysis (percentage). The results of field research is an analysis of data obtained with the construction of a proposal to assist in the solution of religious crises of faith and belonging that practically doesn't exist in this sample. Evangelicals are similar to Catholics: the belief in God (100%), while away of the churches unhappiness 100%), great conception of God (100%), no adolescent is considered better than the adolescent of another Church (100%) , family and friends influence the adolescent's crisis of belonging, new scientific knowledge and social-affective and sexual practices undermine the adolescent faith, doubt about the existence of God (50%), religion helps to give meaning to life and to ethically pursue a profession (100%), participation in youth groups with philanthropy (60%) and all consider themselves spiritual people (100%). Catholics are different from the Evangelicals: in faith and action (C: 80%; P: 65%), weekly church attendance (C: 25%; P: 70%), deep knowledge of the doctrine (C: 10%; P : 50%), Holy Bible reading (C: 10%; P: 70%), reason to abandon the Church (C: Sin: 50%; P: Emotional Conflict: 60%), reasons for conversion to other Church (C: wrong friendships: 40% and feel hurt: 40%; P: not feel good: 40% and wrong friendships: 30%), among others in minor importance.

Keywords: Identity and social religious practices, Crisis of Faith, Adolescents, Belonging, Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 A PERTENÇA RELIGIOSA DO ADOLESCENTE E CRISE DE FÉ NA CONTEMPORANEIDADE.....	10
1.1 A PERTENÇA DOS ADOLESCENTES ÀS IGREJAS HOJE.....	11
1.2 A CRISE DE FÉ NUMA SOCIEDADE SECULARIZADA.....	17
1.3 A CRISE DE PERTENÇA RELIGIOSA: DA HETERONOMIA À AUTONOMIA.....	23
2 CAUSAS DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS.....	27
2.1 A CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES CATÓLICOS.....	27
2.2. A CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES EVANGÉLICOS.....	32
2.3 CAUSAS DA CRISE DE FÉ E DA PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE ADOLESCENTES DE BOA VISTA(RR).....	38
3 METODOLOGIA.....	41
4. ANÁLISE DOS INDICADORES DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA DOS ADOLESCENTES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS DE BOA VISTA (RR).....	43
4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PESQUISA.....	43
4.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO...	69
4.3 OS PRINCIPAIS INDICADORES DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA DOS ADOLESCENTES EVANGÉLICOS E CATÓLICOS DE BOA VISTA (RR)	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
6. REFERÊNCIAS.....	74
7. APÊNDICES.....	77

INTRODUÇÃO

O objetivo maior desse estudo foi compreender como os adolescentes nos dias atuais que participaram dentro das igrejas, têm se distanciado de sua fé e de que forma acontece essa crise em seu interior. Para isso, o objeto de investigação terá como foco os jovens de duas igrejas, uma católica e outra evangélica.

Nesse aspecto também surgem interrogativas em compreender os motivos que levam esses jovens à busca de outras pertenças religiosas, ou até mesmo se afastarem por completo de sua fé.

Esse estudo e pesquisa também terá o suporte bibliográfico que servirá como base para a compreensão do processo histórico das pertenças religiosas e dos aspectos psicológicos que envolvem a construção de identidade do indivíduo na família.

Assim sendo, num primeiro ponto veremos, ainda que sumariamente, as crises dos adolescentes na igreja hoje; no segundo, analisaremos a crise de fé presente na sociedade e entre os adolescentes cristãos; no terceiro, um resumo dos dois primeiros tópicos com uma abordagem diferenciada.

Quanto à perspectiva metodológica esta será intermediada pela pesquisa quantitativa e qualitativa, por meio de técnicas como a observação e a entrevista com adolescentes e líderes de pertenças religiosas evangélicas e católicas. Para isso, o objeto de estudo buscará duas Igrejas (pertenças religiosas) para situar a pesquisa de campo, para a coleta de dados e selecionará adolescentes para estudo e observação de seu comportamento dentro das igrejas através do questionário misto.

Esta dissertação se divide em três capítulos:

- I - A pertença religiosa do adolescente e a crise de fé na contemporaneidade;
- II- Causas da crise de fé e de pertença religiosa entre os adolescentes católicos e evangélicos;
- III- Análise dos indicadores da crise de fé e de pertença religiosa dos adolescentes católicos e evangélicos de Boa Vista (RR).

CAPÍTULO 1

A PERTENÇA RELIGIOSA DO ADOLESCENTE E A CRISE DE FÉ NA CONTEMPORANEIDADE

Na sociedade atual é comum observar vários laços de pertença com diferentes instituições. Entre elas temos empresas, sindicatos, partidos, a igreja e até mesmo a própria família.

No Brasil, existem vários grupos religiosos nos quais muitos adolescentes estão inseridos e constroem sua pertença. Algo importante a ser ressaltado é que quando acontece a junção de mais de um grupo de pertença, estes grupos ganham mais força, como é o caso da família e Igreja.

Quando há essa junção é como se um laço maior fosse dado.

É importante ressaltar que, há anos atrás, a mudança de comportamento dos adolescentes não era foco de interesse para pesquisas científicas. No entanto, essa abordagem mudou nessas últimas décadas e hoje há várias ciências que procuram compreender os adolescentes como a Sociologia, a Antropologia e até mesmo a Psicologia.

O que se percebe é que isso acontece devido ao lugar de destaque que vem sendo dado à adolescência na sociedade atual.

B. Souza confirma esses dados quando diz que:

A juventude tem-se constituído objeto de inúmeros estudos de diferentes perspectivas. Abordagens sociológica, psicológicas, pedagógicas, antropológicas, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida. (SOUZA, 2004, p.48)

A pós-modernidade se apresenta com força nos últimos anos e isso nos faz analisar as consequências que se apresentam como a fragmentação de identidades que se encontravam solidificadas.

Na verdade, são muitos aspectos a serem analisados, como estilos de vida, condutas morais diferenciadas, modo particular de viver, o que provocam uma confusão de personalidades, obrigando os indivíduos a adotarem identidades

múltiplas, ou seja, as identidades que antes eram estáveis agora se encontram de forma superficial e provisória.

Por isso, B. Souza afirma que:

[...] os ritos de passagens não se configuram mais como possibilidade para qualquer definição de juventude. Num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade evaporam-se. (SOUZA, 2004, p. 51).

O que B. Souza explica é que os ritos que antes eram comuns em sociedades tradicionais e que diferenciavam adolescentes de adultos já não são suficientes para desenvolver características em um jovem, ou melhor, já não possuem força suficiente pra definir ou caracterizar o que seja um adolescente.

Esses acontecimentos nos dão a impressão de que não existem mais referenciais, que os elementos que serviam como guia de condução de pertencimento e da construção da identidade do indivíduo estão sendo marcados pelas incertezas.

As pertenças vêm nos mostrar um pouco sobre isso, pois, se observarmos grupos fechados que mantêm um comportamento diferenciado da sociedade de modo geral costumam se isolar, de certo modo, daqueles que se vestem diferentemente ou possuem um estilo diferenciado do deles.

Desse modo, as pertenças acabam sendo um abrigo para o indivíduo não se sentir isolado ou perdido.

1.1 A PERTENÇA DOS ADOLESCENTES ÀS IGREJAS HOJE

Os adolescentes hodiernos ainda na adolescência constroem pertenças, e, entre elas, temos a pertença religiosa, com a qual os indivíduos, por meio da conversão pessoal, integram uma determinada Igreja.

De acordo com Carrier:

A convicção pessoal é a forma desejada de pertença tanto ao sistema religioso quanto a outros sistemas como à política, à estética ou à cultura de uma classe ou grupo social: idealmente, a pessoa que a eles adere o faz por estar convencida da validade de suas crenças, valores, normas de conduta e rituais. (CARRIER, 1965, p. 66-67).

Essa convicção tem como base a conversão que gera uma transformação interior diante de uma crise existencial. Essa transformação não acontece instantaneamente, mas, de forma gradual, ou seja, como se fosse se solidificando, ao participar o indivíduo do grupo de pertença religiosa.

O processo de conversão é uma decisão livre e voluntária e o adolescente, ao escolher a pertença religiosa, opta por um sistema de valores e de doutrinas que devem ser seguidos.

A salvação, pregada nas pertenças religiosas, é concebida diferentemente de Igreja para Igreja, pois, de acordo com estudos psicológicos, essa abordagem determina atitudes próprias em seus fiéis.

De acordo com Carrier:

[...] Sendo a igreja a única dispensadora dos meios de salvação, a pessoa deve necessariamente aderir a ela se desejar participar da justificação espiritual. A seita, ao contrário, rejeita toda mediação litúrgica e sacerdotal para a graça; (por isso) pertence-se à seita como se pertence a uma associação voluntária. (CARRIER, 1965, p. 175).

A necessidade de salvação eterna do homem é a base das pertenças religiosas. Contudo, para obtê-la a Igreja Católica, em sua doutrina oficial, reafirma que é preciso o uso de sacramentos, como o batismo, como rito de entrada na Igreja.

É o que diz o Catecismo da Igreja Católica divulgado pelo papa João Paulo II, em 11 de outubro de 1992:

N. 1129 A Igreja afirma que para os crentes os sacramentos da nova aliança são necessários à salvação [cita o Concílio de Trento]. A “graça sacramental” é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e peculiar a cada sacramento.

N. 1257 O Senhor mesmo afirma que o Batismo é necessário para a salvação. Também ordenou a seus discípulos que anunciassem o Evangelho e batizassem todas as nações. O Batismo é necessário, para a salvação, para aqueles aos quais o Evangelho foi anunciado e que tiveram a possibilidade de pedir este sacramento. (CIC, 1993, n.1129 - n. 1257).

Nesse texto fica claro que a Igreja Católica não conhece outro meio que evidencie a salvação de seus indivíduos a não ser por meio do batismo. Que segundo esta pertença foi Deus que vinculou a salvação ao Sacramento do Batismo (Mc 16,15).

Com essa ideia, os indivíduos dessa pertença religiosa acabam por acreditar que não devem quebrar esse laço de pertença, porque caso isso aconteça ele estaria conseqüentemente com sua condenação eterna.

Para não “cair no erro”, os fiéis se mantêm praticantes e frequentadores dos cultos. Mas existem casos também de fiéis pouco praticantes, que não possuem uma certa frequência ao seu grupo de pertença. Como esses existem os casos que J. H. Fichter chamou de católicos “adormecidos” ou que G. Le Bras chamou de “católicos sazonais”, por quase não frequentarem a igreja, mas dela não se desligarem (CARRIER, 1965, p.188-190).

Sobre isso, afirma Carrier:

No Brasil, temos o caso de pessoas iniciadas no candomblé que se definem como católicas porque receberam o batismo e fazem questão da missa de 7º dia após a morte. Embora provavelmente não o saibam, todas essas pessoas se apoiam na definição de pertença dada pela encíclica *Mystici Corporis*, de 1943, que conta como membro da Igreja toda pessoa que, tendo sido batizada, não se excluiu da Igreja por vontade própria nem foi dela excluída pela autoridade legítima. (CARRIER, 1965, p. 52).

Os adolescentes hoje, com os inúmeros grupos de pertença religiosa, vêm buscando se envolver mais em busca da fé, e isso tem contribuído para certas mudanças na sociedade. Ou seja, o adolescente passa a buscar a compreensão do mundo por uma nova vertente, valorizando mais a sua experiência pessoal.

Estudiosos e pesquisadores têm tido como enfoque esse olhar do adolescente hodierno para entender o mundo e a religião.

Segundo Novaes isso é possível por que:

Nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais. (NOVAES, 2006, p.271).

Entre os adolescentes e jovens universitários que mais se destacaram em uma pesquisa feita por Tavares e Camurça (2004) sobre o fator religioso foram os jovens negros, mulheres e membros de família com pouca escolaridade e ou moradores da periferia.

A pesquisa observa que no decorrer da trajetória estudantil, a maioria dos jovens tende a passar por um processo de recombinação de suas crenças religiosas. Os autores ainda advertem que:

Os jovens estudantes mineiros pesquisados seguem as tendências gerais que têm sido apontadas para a religião em nosso país e para a juventude brasileira como um todo. Eles são francamente católicos. Escolhem sua religião por motivos pessoais. Sua participação nas atividades religiosas é modesta, embora um número expressivo faça oração diária. (TAVARES; CAMURÇA, 2004, p. 61).

Por outro lado, em contradição a essa busca do jovem pela igreja existe o outro lado evidenciado pela pós-modernidade que trazem consigo características que refletem a perda de autonomia de algumas pertenças religiosas.

Noutras palavras, os fiéis já não se sentem obrigados a obedecer a regras e padrões de conduta, ou doutrinas da igreja e isso vem marcando profundamente as crises de fé na contemporaneidade.

Devido a esse fator em especial, é comum ver adolescentes transitando por vários pertenças religiosas com doutrinas diferentes, e esse aspecto é um dos grandes motivos que levam o adolescente a entrar em conflito com sua fé.

Os tempos mudaram e os adolescentes já não veem as pertenças religiosas como sendo a única capaz de produzir sentidos religiosos, e muito menos que elas sejam as detentoras da verdade.

Esse pensamento determina os indivíduos a não se sentirem incomodados em questionarem as decisões com base nas doutrinas da Igreja. Ou até mesmo pratiquem o contrário das práticas e estilos permitidos dentro da pertença.

E são essas práticas de enfrentamento, ainda que camufladas, que mostram o descontentamento e tensão entre as gerações, que buscam em seu interior, sentimentos de renovação e mudança.

Fernandes e Pitta (2006, p. 123) salientam que *“nesse momento da vida, os jovens estão envolvidos com experiências estudantis, preocupados com trabalho, lazer e vida efetiva, e a religião, embora presente, tende a não aparecer como fator prioritário.”*

De acordo com Iris Serbenna, a fé começa a ser percebida ou assimilada pela criança nas linguagens (verbais e não verbais) inseridas no relacionamento. Ou seja, no primeiro choro, com o sopro de vida nos pulmões, se dá o início da educação para a fé.

Antes mesmo de ouvir falar de Deus ou pronunciar seu nome, a criança terá sentido na pele e respirado o oxigênio da atmosfera de Deus, e percebido sua realidade velada que cerca o mundo das pessoas.

Por isso, diz-se que a fé entra pela carne. Assim, a fé está situada nas relações e tem a ver com o sentido da vida.

Afirma ainda a autora que é relevante essa abordagem, pois, nos faz crer que o conhecimento de Deus é, antes, um encontro com os pais. Assim, ela afirma que a criança constrói, aos poucos, a imagem de Deus com os elementos recebidos dos adultos.

As atitudes dos pais refletem na construção da visão da criança, ou seja, sempre que os pais se mostram severos e exigentes, ela vai formando a ideia de um Deus hostil mais dado ao castigo que à graça, que vê muitos erros e poucas virtudes.

Esse tipo de tirania pode, no futuro, dar lugar à revolta. Assim, essa construção e vivência sobre o que vem a ser Deus na cabeça da criança, mas tarde, na adolescência, ela irá desconstruir e reconstruir com base em outras informações obtidas em seu contexto.

Quanto a isso, Fowler observa que:

O desenvolvimento da religiosidade também tem características peculiares, e existe a possibilidade de mudanças na adolescência. A pessoa adolescente poderá chegar, nesta fase da sua vida, agudamente vinculada aos seus grupos e à sua comunidade de fé, sem conseguir separar sua própria identidade das expectativas e valores de outros e dos grupos aos quais pertence, aceitando-os sem contestação. Esta fase também representa a possibilidade de iniciar um processo de transição que se caracteriza por objetivar, colocar em dúvida e examinar todo o sistema de valores, de crenças e de fé. A pessoa adolescente pode começar a refletir criticamente sobre o sistema, inclusive o religioso, que fora anteriormente aceito sem questionamentos e, numa etapa seguinte, escolher as crenças, os valores, a visão de mundo e os grupos aos quais quer pertencer. (FOWLER, 1992, p. 16).

Com isso, há de se entender que os adolescentes podem assumir ou não um comportamento marcado pelo conflito e pela revolta. Isso vai acontecer em decorrência do seu posicionamento, ou por meio de questionamentos a respeito da fé e da existência ou não de Deus.

Assim, se os adolescentes assumem um comportamento marcado por uma postura crítica mediante ao que lhe foi ensinado durante sua infância em uma pertença religiosa, estes podem estar se afastando de suas pertenças. Normalmente isso acontece por falta de experiências religiosas, tendo sua base pouco solidificada, e cheia de dúvidas que não foram respondidas.

A fase de transição pode se caracterizar por diferentes níveis de desenvolvimento e de maturidade e por uma diversidade de atitudes, posturas e comportamentos, resultado das experiências individuais, grupais e comunitárias que cada adolescente teve na sua infância.

O autor James Fowler, que estudou sobre a teoria dos estágios da fé, relaciona a fé com o significado atribuído à vida e também com o reconhecimento da necessidade do outro. Para ele a fé está ligada às perguntas da vida e suas relações. É a partir das relações que se pode perceber a importância deste estudo para a vida da criança e do adolescente.

Outros estudos, vivenciados por Erik Erikson na área de psicologia, consideraram a cultura e o aspecto social como indispensáveis para desenvolvimento da pessoa.

De acordo com a sua teoria sobre o desenvolvimento humano, foi visualizado o ser humano da infância à velhice. Essa análise permitiu que Erikson afirmasse que em cada estágio da vida a pessoa enfrenta “crises”. Nesse sentido, a crise passa a ser encarada como um momento de transição dos estágios do desenvolvimento humano.

Segundo Erikson:

Cada pessoa vivencia essa “transição” de uma maneira. Portanto, essa “crise” não é encarada como algo destrutivo e negativo. Esses momentos são chamados crises “normativas”, ou seja, esperadas no decorrer da vida. Sua teoria está fundamentada em três dimensões: a) Dimensão biológica: herança dos pais, genética; b) Dimensão individual: a pessoa em si; c) Dimensão cultural: relação da pessoa com sua cultura e sociedade. Essas três dimensões são necessárias para a formação da identidade. (ERIKSON, 2000, p.115)

Com esse estudo, desenvolvido por Erikson, compreende-se que as crises estabelecem uma ligação de desenvolvimento e prosseguimento da vida.

Segundo Erikson: *“A palavra crise é usada aqui num sentido de desenvolvimento para designar não uma ameaça de catástrofe, mas um ponto decisivo, um período crucial de crescente vulnerabilidade e potencialidade.”* (ERIKSON, 1987, p.96).

1.2 A CRISE DE FÉ NUMA SOCIEDADE SECULARIZADA

Na sociedade secularizada, a crise surge como sendo uma experiência ou uma série de experiências que se apresentam ao indivíduo como uma ameaça para sua identidade, seu ego, ou para suas relações. As crises, de modo geral, são processos que de certa forma podem ou não ameaçar a vida do indivíduo, ou da sociedade.

Há autores que defendem que as crises são necessárias para que ocorra a transição à fase adulta.

Por isso, todo o ritual e liturgia da fé apresentadas na pertença religiosa se tornam um veículo importante para a vivência do indivíduo. As comunidades de fé expressam uma riqueza de rituais significativos.

Porém, observam-se falhas tanto nas pertenças quanto da execução desses rituais de forma mais profunda e criativa.

Nesse aspecto, os sacramentos aparecem como sendo linguagens simbólicas do relacionamento com o sagrado. Com isso, a viabilização de vivência criativa, formativa e nutridora de sentido da fé sintético-convencional é semente de transição adequada. As crises são transicionais, oportunizam revisões de existência bem como suportes para a próxima etapa da vida.

Em nosso país, a fé possibilita um diálogo com as espiritualidades das diversas pertenças religiosas. Estas confrontam técnicas e teorias em aconselhamento que se fixam apenas no indivíduo, sem uma visão sistêmica, por exemplo. É por isso que a fé é um mediador para a criação de novos espaços de pertenças religiosas.

As crises nesse sentido surgem do diálogo com a fé, torna-se atitude de lidar com as instabilidades da vida de forma aprendente. Por isso, é relevante compreender os estágios da fé, descritos por Fowler, os quais elucidam espaços de convivência em comunidades que sedimentam de certa forma a prevenção dessas crises.

Segundo Edgar Morin (2000, p.21), a educação do futuro é aquela que ensina a enfrentar as incertezas, como ampliação de sentidos: *“é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças, em que os valores do futuro devem se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento”*.

Nesse aspecto a teoria dos estágios da fé, pode servir de suporte na crise à medida que observamos essa dimensão da vida como humana, que inclua o cotidiano da sociedade.

Cada estágio, com sua peculiaridade, tem contribuições a dar nas perguntas que são desenvolvidas nas possíveis crises que pessoas enfrentam no dia a dia.

Em um artigo de Leonardo Boff, ele conceitua o termo crise:

Crise tem em sua raiz a palavra sânscrita Kri que significa limpar, desembaraçar e purificar (...). Crise, portanto, designa a chance de purificação, o processo de depuração do que vale ou não vale; o crisol desembaraça o ouro de suas gangas. Isso só ocorre se houver separação e rupturas; é o aspecto dramático da crise, nela se acrisolam os dados positivos que vão constituir os fundamentos da nova ordem. (BOFF, 2003, p.12).

Essa “nova ordem” descrita por Boff, poderia nos direcionar para uma discussão sociopolítica e econômica da crise. Na secularização, as redes sociais se tornam aliáveis a esta crise de modo especial a crise existencial dos adolescentes.

Essa nova ordem favorece também o declínio do processo de transmissão da tradição religiosa.

Os adolescentes de hoje, com advento da secularização, têm à sua disposição uma explosão de informações que dificilmente conseguem filtrar com facilidade, mas permitem desenvolver nos adolescentes o questionamento e a busca de novas possibilidades.

Fazendo relação com as pertenças religiosas a adolescência deixou de ser institucional para ser pessoal. Ou seja, o adolescente pós-moderno no início de sua adolescência ao entrar em crise com a diversidade de informações, não se vê obrigado a continuar no mesmo percurso religioso dos pais, pois se percebe autônomo na configuração de sua forma de crer, não vendo necessidade de estar preso a determinações e convenções religiosas apreendidas na infância.

Por conta da existência destas crises, a transmissão religiosa vem se modificando e os protestantes históricos têm entrando em declínio, enfraquecendo a religião tradicional que hoje procura se adaptar à realidade e à assimilação das práticas religiosas de seus sujeitos.

Segundo Hervieu-Léger (2000), a crise da transmissão religiosa atingiu todas as instituições de socialização como a família, a religião e a escola, pois estão inseridas em um contexto de relativismo que coopera para tal situação.

É importante observar que é necessário entender que não vivemos mais em uma sociedade orgânica, estruturada em um único centro. Antes num mundo marcado por múltiplas crises que obrigam os indivíduos a se tornarem cada vez mais autônomos em relação a várias esferas de sua vida.

É comum observarmos a migração contínua dos indivíduos nas pertenças religiosas, sendo essa uma situação real e impressiona a facilidade que os adolescentes encontram para mudarem de pertença para grupos religiosos diferentes.

Isso provavelmente acontece por conta da transmissão religiosa que acentua os conflitos geracionais, que acaba evidenciando certo inconformismo de grande parte dos adolescentes que não se sentem à vontade para seguir os modelos familiares tradicionais de religiosidade. Ao mesmo tempo, evidencia desejos de

mudanças, busca por transformações, questionamentos e ansiedade tão comuns na fase de adolescência.

De acordo com Hervieu-Léger (2000) este destaca que, em se tratando de religião, os filhos jamais serão aquilo que os pais esperam que eles sejam. Isto é, a imagem fiel deles mesmos. Ainda ressalta que há uma tendência na sociedade atual ao enfraquecimento da transmissão religiosa, o que acaba gerando uma crise em relação à tradição.

Nesse sentido, ao se passar da infância para a fase adulta, mesmo não considerando a tradição de pertença religiosa dos pais, os adolescentes terão oportunidade de estruturarem sua religiosidade com base naquilo que sempre questionaram e creram durante sua vivência.

Com isso, todos os conflitos gerados durante a fase de juventude servem de suporte para estruturar suas atitudes e decisões que se solidificam em meio às experiências vivenciadas no cotidiano. E, é importante ressaltar, que mesmo não seguindo à risca os fundamentos religiosos de seus pais, suas decisões continuam tendo por base a tradição familiar.

Por isso, estudos afirmam que as identidades religiosas estão sendo cada vez menos herdadas e cada vez mais construídas a partir das experiências pessoais dos indivíduos. Com base nessa realidade pode-se afirmar que uma das características da religião nesse século está voltada para a individualidade, ou seja, cada pessoa ter sua forma de crer e se expressar, que resulta em uma multiplicidade de crenças e valores religiosos. Isso, segundo Herviéu-Leger:

Não significa dizer que as instituições religiosas não mudam. Significa que as mudanças não podem se impor senão na medida em que ela está integrada à representação coletiva de uma continuidade absolutamente preservada: assim, as tentativas de reforma religiosa se apresentam, regra geral, como ensaio de retorno a uma tradição autêntica e contra uma tradição desnaturada pelo uso que se faz dela no presente, ou ainda, como resultado de uma radicalização dessa tradição, que justifique uma renovação ou uma inovação da religiosa. (HERVIEU-LÉGER, 2000. p. 41).

Por isso, a grande diferenciação dos adolescentes da sociedade secularizada e da sociedade tradicional está em estes procurarem fugir da responsabilidade em se apegar à religião ou a uma pertença religiosa, mas apenas à sua fé, dando uma clara demonstração de não se sentirem incomodados com essa situação.

Os adolescentes de hoje não observam a pertença religiosa como um representante de Deus como acontecia antigamente, pelo contrário, acreditam que esta é uma forma de adquirirem responsabilidades incomuns para indivíduos nesse período da vida.

Esse contexto atual evidencia que esses adolescentes cada vez mais vêm negando a religião herdada pelos pais. De acordo com Pais (2006), isso não acontece de forma elaborada, mas porque faz parte da cultura adolescente a ideia de negação de tudo aquilo que lhe é imposto, indo a adolescência na contramão do considerado normal.

No caso das pertenças religiosas, é comum a aceitação da religião herdada, entretanto, o adolescente procura ressignificar as práticas religiosas para não parecerem tradicionais.

Isso fica evidente quando se analisa que nesse século o adolescente participa de atividades religiosas, porém não está interessado em se vincular a nenhuma instituição.

Vários estudos e pesquisas (citar ao menos três autores com ano!) reforçam a relação dos adolescentes como fator de transformação e mudança social.

Por isso, na visão secular é observado que a adolescência é capaz de promover e produzir mudanças; na visão religiosa, esse enfoque também tem merecido atenção e adquirido espaço dentro das pertenças de uma forma geral, e com isso tem se procurado reformular conceitos, concepções e origens.

Essa mudança e transformação esperadas pelos adolescentes não se restringem somente a eles, mas o que se observa é que estes estão sujeitos a tal situação, uma vez que vivem um momento de construção e reconstrução do conhecimento.

Por isso Foracchi (1972) ressalta que os indivíduos de uma mesma sociedade compartilham de um acervo comum de experiências e situações de vida. O que os torna diferentes é justamente o espaço de localização social em que cada sujeito está inserido.

Essa localização é que produz diferenças geracionais, pois cria uma lacuna entre o grupo, uma estratificação diferencial de vida que faz com que cada um adapte suas ideias, valores e conceitos de acordo com sua localização social.

Essa localização não é referente ao espaço geográfico, mas sim à localização social no contexto sociocultural. São essas vivências do período da adolescência que formam os fundamentos básicos que serão o suporte para a fase adulta.

De acordo com Foracchi podemos compreender melhor essa relação de vivência dos jovens:

O importante, todavia, é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou continuidade que entre elas se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração. Dessa colocação a juventude surge, naturalmente, como um problema particular e como um conceito a ser examinado. (FORACCHI, 1972, p.25).

Esse conceito de localização, ressaltado por Foracchi, destaca as contradições geracionais existentes entre adolescentes e adultos, e isso nos leva a pensar que os grupos sociais estão em espaços temporais iguais porque vivem no mesmo tempo.

No entanto, é esta localização social que permite identificar e alocar cada pertença no seu devido lugar. Com isso os conflitos surgem em decorrência de uma luta de uma geração atual com a geração anterior com a finalidade de preservar ou não valores. Esses conflitos normalmente surgem quando os grupos mais antigos veem suas tradições ameaçadas pela transformação temida das gerações mais jovens.

Segundo Groppo (2000), os conflitos geracionais são necessários desde que na dose certa, por permitir a construção de identidade e ajustamento ao grupo. Por isso, observa que, para os indivíduos maduros, a resistência à mudança social é, portanto, muito maior do que entre os jovens, uma vez que os adultos já têm seus quadros referenciais formados e estabelecidos.

Groppo ainda ressalta que é na fase adulta que os indivíduos firmam suas decisões baseadas nas experiências sociais. Ou seja, estas decisões tem um padrão de ações com o conhecimento. Essas decisões acontecem de forma diferente durante a juventude os quais ainda precisarão vivenciar pela primeira vez uma decisão para depois aprender com elas em situações futuras.

Segundo James Reaves Farris,

Uma crise é uma experiência ou uma série de experiências que se apresentam ao indivíduo como uma ameaça profunda para sua identidade, seu ego, ou para suas relações. Crises são eventos ou processos que parecem ter o poder de ameaçar ou sacudir o mundo de uma pessoa. (1996, p.105).

A crise de fé surge com essas mudanças e transformações e o adolescente tem sua identidade social cada vez mais transitória e passageira. Os conflitos e diferenças tendem a aparecer com mais facilidade, evidenciando ainda mais as contradições entre os grupos e seus anseios.

O foco principal dos conflitos e crises de fé se fortalecem com a tendência da quebra do tradicionalismo por conceitos da geração mais jovem, e isso dificilmente poderá ser evitado ou controlado entre os diferentes grupos.

1.3 A CRISE DE PERTENÇA RELIGIOSA: DA HETERONOMIA À AUTONOMIA

Os adolescentes de hoje vivenciam um momento crítico em todos os aspectos e está em destaque a sua relação com a fé nos tempos modernos.

A Modernidade surge com ideias originadas ainda do iluminismo, ideias estas contrárias ao teocentrismo medieval. Com isso entra em cena o termo secularização que se conceitua como sendo a autonomia do profano e do secular ante o sagrado constituído.

O termo secularização é descrito por Habermas (ano? e pg.?). Para ele, este: *“[...] é um processo comum de aprendizagem complementar, ambos os lados estando em condições de levar a sério, em público, por razões cognitivas, as respectivas contribuições para temas controversos”* que aparece com maior força na pós-modernidade quando surgem o individualismo e o hedonismo juvenil.

A crise de pertença religiosa é vivenciada pelas consequências desse sistema de valores sociais, elaborado pela filosofia moderna.

Como afirma Mota (2007, p.23) o critério de “verdade objetiva” é substituído pelas instâncias individuais ligadas à experiência imediata do jovem, pluralizando o conceito de verdade e oferecendo aos jovens as mais variadas possibilidades de

estilos de vida e de religiosidade, cimentando a cultura da subjetividade, corroborada pela “cultura virtual”, gerando um profundo vazio existencial.

Esses variados caminhos, em diferentes pertenças religiosas, suscita nos adolescentes uma nova concepção de Deus, não mais como na infância quando acompanhados pelos pais, mas sim na fase madura, que reflete novas concepções e mudanças nas relações do jovem com Deus e com a pertença, gerando o afastamento da Igreja e do sagrado convencional, além do surgimento de um comportamento superficial e frio com a religião em geral.

Algo interessante a ser destacado é que os adolescentes, ao vivenciarem a sua fé, buscam experiências significativas com Deus. Experiências que vão além de uma programação realizada pelas pertenças religiosas.

Essas vivências muitas vezes procuradas por muitos adolescentes acabam sendo frustradas e estes passam a duvidar da existência de Deus, ou tendo apenas vivências superficiais, emocionais e individualistas, marginalizando as experiências com o grupo como todo, e acaba sendo influenciado pela modernidade e secularização.

A crise da pertença pode acontecer também por influência dos pais e amigos que pode desencadear ou não a crise religiosa, sendo necessário que os líderes religiosos tenham um olhar mais atento ao adolescente e ao jovem quanto ao seu meio social e comunitário, pois nessa fase é muito comum a influência dos amigos na religiosidade do adolescente, levando-o a uma “espontaneidade” da própria religiosidade e espiritualidade.

A secularização, portanto, traz à tona uma nova pertença religiosa que vem anunciar o surgimento dessas novas formas sociais de religião, e com esses variados caminhos que permeiam as conseqüentes crises de fé nas pertenças religiosas, o adolescente acaba por se sentir confuso com a variedade de concepções aceitáveis.

No contexto histórico, essa crise também é relevante e autores destacam que se tomarmos em conta a forma rigorosa com que o sagrado se manifestou historicamente, não há, com efeito, como encontrá-lo ou identificá-lo na atualidade.

No máximo, afirmam Ferry e Gauchet:

subsiste uma memória daquilo que outrora pôde ser sagrado, assim como das espécies de substitutos que nos enganam (...). Tomando com rigor a noção, não vejo como se possa falar de sagrado no

mundo atual a não ser por uma derivação metafórica mais enganosa que esclarecedora. Quando dizemos que a vida humana é 'sagrada' afirmamos que ela encarna o invisível, que materializa o sobrenatural, que é habitada por uma transcendência, no sentido religioso do termo (...), que ela tira de um outro lugar o valor que exige seu respeito absoluto? Não creio. Trata-se de uma imagem, que a reflexão deve nos poupar de tomar ao pé da letra. Este fato não tira a realidade da interdição protetora da qual a vida é objeto. Mas compreenderemos mal a natureza desta interdição se a tomarmos à luz da categoria de sagrado. (FERRY; GAUCHET, 2004, p.68).

Com essa ideologia, as pertenças religiosas acabam se fragilizando e a crise de fé se estende, ou seja, os adolescentes deixam de crer naquilo que por muito tempo vivenciaram na infância com os pais e nesta secularização dificilmente acreditam que há uma ordem divina que nos impõe uma moral a ser rigorosamente seguida com vistas a futuras recompensas. Essa realidade é relatada por Ferry e Gauchet:

as investigações sobre a evolução das crenças religiosas registram este deslocamento. O inferno não faz mais sucesso, o paraíso não é mais plausível como um lugar de delícias prometido aos justos. A crença na sobrevivência pessoal, que permanece forte, desconecta-se da passagem por um tribunal de virtudes e vícios. A imagem de Deus e a esfera do divino, que a morte permite integrar, se impessoalizam. É aqui, aliás, que se opera o encontro com o budismo. (FERRY; GAUCHET, 2004, p. 72).

Essa realidade descrita por Ferry e Gauchet expressa a crise que se apresenta nas pertenças religiosas, onde falar que o céu ou o inferno existem já não é relevante para os diferentes grupos sociais.

A adolescência e juventude deste século não têm a mesma interpretação da realidade e não aceita totalmente como verdade absoluta o conhecimento ou concepção repassada pelas lideranças de suas pertenças, mas, por outro lado, assimila as orientações cotidianas, bem como ressignificam suas práticas, experiências, visões de mundo e sentimentos de pertença religiosa.

No entanto, compreender essas crises de fé dos adolescentes em meio à secularização, pode apontar novos caminhos para uma nova postura e transformação.

Com certeza, esse desafio pode ser amenizado ao se conhecer as características desses adolescentes, isto é, como estes percebem a religião e a

pertença nas quais estão inseridos. Conhecer certos aspectos possibilita um melhor direcionamento para o desenvolvimento de estratégias e para a diminuição das crises de fé entre os adolescentes e jovens.

Todos esses conceitos e estudos no levam a refletir e analisar que as pertencas religiosas talvez tenham que repensar suas práticas e, principalmente, as formas de como as suas mensagens são repassadas para o grupo.

Caso contrário, a tendência é os adolescentes e jovens se distanciarem do propósito defendido pelas pertencas e deixam de construir uma identidade religiosa adequada aos seus anseios de realização pessoal e comunitária apesar da secularização.

A partir de todos esses conceitos foi preciso compreender mais a fundo sobre as causas dessas crises e desta forma buscamos compreender como acontece essa crise e de que forma estas acontecem na vida dos adolescentes.

CAPÍTULO 2

CAUSAS DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

Não é fácil abordar a crise de fé e de pertença religiosa dos adolescentes já que são muitas as variáveis que concorrem para tal fenômeno na contemporaneidade.

2.1 A CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES CATÓLICOS

A crise de fé entre os adolescentes sempre existiu, no entanto, há uma novidade nas crises que se inicia nos tempos modernos. E é ela que desafia fortemente a fé cristã. A cultura manifesta a capacidade do ser humano de tomar distância da natureza própria e circundante e dar-lhe significado, modificá-la. O contexto cultural é, portanto, o universo de símbolos, significados, representações, imaginações, instituições que o ser humano cria para a dupla finalidade de desenvolver-se pessoalmente e viver socialmente com outros.

Os adolescentes hoje vivenciam uma pluralidade religiosa e cultural no que no passado não produzia o mesmo efeito como produz hoje, efeito de divisão, de dilaceramento pessoal, de crise interna e de ruptura. A pluralidade religiosa hoje põe em crise aquela fé tranquila ao lado de outras, porque estava inteira na Igreja ou na religião em que se vivia. Agora o fiel é questionado na sua fé, fica atraído a experimentar ou a mudar de religião, de experimentar coisas novas, porque as propostas são muitas, e sente liberdade para fazê-la.

Portanto, para Berger (1985, p.139), “*a secularização acarretou um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade*”. Segundo ele, a plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, entre as ideias sobre a realidade, depende do suporte social que essas ideias recebem.

É por isso, que toda concepção de mundo, qualquer que seja seu caráter ou conteúdo, pode ser analisada quanto à sua estrutura de plausibilidade, porque é só enquanto as pessoas permanecem nessa estrutura que a concepção de mundo em questão é plausível para elas.

Berger afirma que no final dos anos 60, havia:

uma forte evidência de que as crenças religiosas tradicionais se tornaram vazias de sentido, não somente em vastos setores da população em geral mas mesmo entre muita gente que continua a pertencer a uma igreja, seja lá pelos motivos que forem.(BERGER, 1973, p.18).

Não há como procurar as causas das crises de pertença religiosa dos adolescentes sem compreender que a secularização não apenas provocou a polarização da religião, mas também a conduziu para uma situação de pluralismo, com o fim dos monopólios das tradições religiosas e a instauração de um regime de concorrência entre os diversos grupos religiosos. Trata-se aqui do segundo fenômeno, o da “secularização objetiva”.

O que se observa é que o denominacionalismo, caracterizado pela competição entre as diferentes igrejas e grupos religiosos, é um exemplo típico de pluralismo. Entretanto, com a secularização, os grupos religiosos não competem somente entre si, mas também com organizações não religiosas, movimentos ideológicos revolucionários ou nacionalistas, na tarefa de definir o mundo. Os jovens nesse contexto ficam sem entender bem ao certo as diferenças dessas religiões. E essa pluralidade traz múltiplas reflexões que segundo Berger (1985, p.149):

[...] não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado.(BERGER, 1985, p.149).

Os jovens evangélicos diante dessa pluralidade no mundo moderno acabam vivenciando vários mundos, indo de um lado para o outro, como se fosse um nômade, transitando entre estruturas de plausibilidade, cada uma sendo enfraquecida pela convivência com outras estruturas de plausibilidade. É nesse sentido que Berger considera a pluralização a mais importante causa da crise de credibilidade das tradições religiosas. E isso vem refletir também na vida dos jovens. Em decorrência disso, ainda segundo Berger (1985, p.166), *“o problema fundamental das instituições religiosas é como sobreviver num meio que já não considera evidente as suas definições da realidade”*.

Outro fator que evidencia as crises dos adolescentes evangélicos é a brutal concentração de riqueza, com a conseqüente exclusão social, e a insensibilidade de muitos frente a este problema. A pobreza e as classes sociais menos privilegiadas também sofrem com a crise de fé e de pertença religiosa.

Mas como essa crise não se dá de maneira homogênea no planeta, são os pobres os que sofrem primeiro e com maior intensidade também os efeitos dessa crise. Pois, com a mercantilização do espaço geográfico, lugares menos afetados serão privilégios dos que poderão pagar os seus preços, sobrando aos pobres espaços de maior degradação ambiental.

Observar esses pontos pode e deve ser um catalisador de diálogos sérios e frutíferos entre as diversas denominações cristãs com seus jovens cristãos, entre as diversas religiões e entre os que professam uma religião e os que não professam. A verdadeira crise de pertença religiosa só poderá ser superada na medida em que os interessados assumam os problemas fundamentais da humanidade hoje como objeto de diálogo e de cooperação.

As crises podem ser também superadas quando se deixam de lado as “pequenas” diferenças doutrinárias e buscam a superação e a tentação de fazer do crescimento das suas igrejas o objetivo último do seu cristianismo. Esta é uma das maneiras que pode surtir efeito para amenizar as crises de pertença no meio da juventude cristã.

As crises de pertença entre os jovens vêm gerando uma preocupação que vem crescendo e provocando muitas conversas tanto dentro da Igreja Católica como na Evangélica, ou seja, a observância de como em sendo transmitido a esses jovens os valores cristãos.

Existem várias causas para isso, mas a secularização da sociedade ocidental é apontada por todos como a causa primeira desta crise. Olhando para o Brasil, vemos uma Igreja que ainda cresce numericamente, mas que tem perdido sua relevância cultural, social, política e econômica.

O interessante e notório é que as igrejas vêm perdendo também suas raízes históricas e teológicas. Uma Igreja que oferece uma infinidade de programas, atividades e várias formas de entretenimento religioso, mas que tem perdido a capacidade de criar, principalmente nas novas gerações, um grau de compromisso e fidelidade para com a verdade bíblica.

Os líderes de jovens em sua grande parte não conseguem relacionar o estudo ministrado dentro da igreja aos domingos com a vida do jovem lá fora, ou seja, tem pouca ou nenhuma relação com o que fazem nos outros seis dias da semana. Nossas tradições foram descartadas, nossos valores relativizados e nossas convicções se transformaram em discretas e frágeis impressões religiosas.

O que se visualiza dentro dos grupos jovens evangélicos é a intensificação do individualismo como resposta à secularização e o crescente movimento da moderna psicologia, que valoriza o “indivíduo autônomo” em sua busca pela autorrealização.

Os líderes das igrejas evangélicas pesquisada observam que a transmissão da fé em nossa cultura secularizada requer de nós novos cuidados e preocupações que nossos pais não tiveram. No passado, com a centralidade da religião e da família na cultura ocidental, o processo era natural. Hoje, nenhuma das duas ocupa mais este lugar.

Durante a pesquisa grande parte dos líderes de jovens relatou que os jovens antigamente tinham seus valores e convicções cristãos mais claramente definidos e aceitos socialmente. Eram eles que estabeleciam uma fronteira clara entre o que era certo e errado ou entre o que era pecado e o que não era.

A identidade do jovem cristão era socialmente bem definida, o que lhe dava também certa segurança e responsabilidade. Agora, falta essa identidade clara e os valores e convicções evaporaram.

Outro fator discutido como causa de preocupação da pertença religiosa entre os adolescentes seria com a “espiritualidade” que pode ser uma resposta à crise da transmissão da fé. Muitos têm confundido espiritualidade com uma forma de intimismo religioso que surge como resposta ao individualismo secularizado, intensificando a alienação e não promovendo um relacionamento real e verdadeiro com o Deus triuno da graça.

Líderes Evangélicos afirmaram que uma espiritualidade fundamentada na Trindade conduz ao jovem cristão a um relacionamento pessoal com Deus-Pai que não é fruto de uma compreensão particular e intimista, mas da revelação que Jesus o Filho unigênito nos apresenta. Conhecer a Deus Pai não é o resultado das projeções das nossas melhores intenções paternas, mas o resultado exclusivo da relação única que o Filho eterno tem na comunhão com o Pai.

Relatos de jovens em conversas informais podem ser citadas como fundamentos de sua fé e de sua pertença religiosa, um jovem A em sua fala disse que *“Somente Cristo é quem nos revela a natureza paterna de Deus. Conhecer a Cristo é conhecer aquele que nos foi enviado pelo Pai e que realizou por nós, na cruz do Calvário, a gloriosa obra da reconciliação através da justificação e do perdão dos nossos pecados”*. Em outro momento o Jovem B revelou que *“Compreender o que Jesus fez na cruz e responder ao Pai em comunhão, obediência e adoração só nos é possível pelo poder do Espírito Santo, que abre nossos olhos, levando-nos a compreender nosso pecado e a necessidade de redenção.”* O que se observa aqui, são jovens com sua fé bem sedimentada e convictos de sua pertença religiosa.

Esse pode ser um dos caminhos para enfrentar a crise de pertença religiosa, fundamentando a transmissão da fé relacionada a uma espiritualidade centrada na Trindade e nas Sagradas Escrituras. Somente a partir de um relacionamento pessoal com o Deus trino da graça é que poderemos recuperar o valor daquilo que é verdadeiro e resistir à subjetividade da cultura secular.

2.2 A CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE OS ADOLESCENTES EVANGÉLICOS

Nos últimos tempos tem se vivenciado um período de repetidas e profundas crises econômicas e sociais, de guerras em série e prolongadas e de queda dos níveis de vida em todo o mundo. E isso também são fatores que interferem nas crises de pertença religiosa e de identidade do jovem cristão.

Para Bosma (1994), a adolescência é o período de desenvolvimento da identidade pelas mudanças que ela comporta. Só com um funcionamento cognitivo adulto é que o indivíduo pode tratar questões abstratas como escolha profissional, filosofia de vida, relacionamentos amorosos e estilos de vida. *“O adolescente torna-se progressivamente consciente da irreversibilidade de um bom número de escolhas com as quais ele é confrontado”* (p. 292).

E no meio dessas crises a sociedade tem se voltado para a religião como solução, como uma saída para a piedade espiritual. Dados revelam que as crises de pertença religiosas, o declínio na crença e na afiliação institucional, estão intimamente ligadas com a decadência moral nas instituições públicas e o súbito declínio dos níveis de vida.

Os jovens católicos e as crises de pertença religiosa pode se fundamentar em diversos resultados: em alguns casos pode levar ao endurecimento da doutrina e das estruturas organizativas, para manter em linha os jovens cristãos. Mas não se pode isentar aqui a postura da família e dos pais na construção da identidade e caráter cristão.

Para Zacarés (1996), a sociedade do novo milênio combina um amplo repertório de possibilidades com uma falta de base sólida sobre o qual o indivíduo vai escolher suas opções. Erikson (1972) afirma que é obrigação das gerações mais velhas transmitir valores sólidos sobre os quais os mais novos irão construir sua identidade.

O fato é que vivemos cruciais mudanças comportamentais em nível cultural-religioso que se refletem, de modo pertinente, nas atitudes educativas religiosas dos jovens de hoje.

Buscam-se, desesperadamente, modelos inacabados para dar conta da necessidade de uma pedagogia educativa com o fim de educar os jovens com base em valores religiosos com os parâmetros de outrora.

De acordo com alguns líderes católicos, a realidade secularizada nos desafia a mergulhar na própria crise de modelos educativos que já não respondem mais às necessidades presentes dos jovens de hoje, no que diz respeito aos referenciais educativos para uma boa educação religiosa cristã.

Mas devemos analisar com cuidado a realidade pós-moderna e refletir a situação de crise de sentido atual que experimenta o jovem na cultura do individualismo e subjetivismo dos valores religiosos, para, desde aqui, construir meios que solidifiquem a pertença do jovem ao seu grupo religioso.

O adolescente vive, atualmente, num mundo complexo e em rápida mudança nas esferas sociocultural e econômico-religiosa, além da política, num contexto de crise da modernidade e pós-modernidade, numa época de grandes paradoxos e contradições.

É importante ressaltar que em todo o mundo globalizado, há um acelerado processo de individualização, ao mesmo tempo em que existe a busca de segurança na coletividade. O adolescente de certa forma valoriza a máxima liberdade, às vezes, priorizando-a acima de qualquer ordenamento ou organização sociocultural.

Nas pertenças católicas as tendências da globalização versus individualização são simultâneas e o processo de libertação individual depende da incorporação de valores de uma sociedade global. Neste novo tempo, o tempo da indefinição, é cada vez mais difícil compreender o comportamento e pensamento dos jovens, e quando se faz menção as pertenças religiosas, essa análise se complica mais ainda.

Líderes Católicos afirmam que o processo de assimilação do jovem na sociedade se encontra cada vez mais difícil, contribuindo para dificuldades de independência financeira, de organização do seu casamento, família e lar, da consolidação de valores e identidades, e de autonomia pessoal. Por isso, a pertença religiosa se torna fundamental para direcionar melhor, as atitudes e ações desses jovens na sociedade na formação de sua identidade.

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreende menos as pessoas como distintas.

Os adolescentes vivem uma crise de pertença não só religiosa mais social, e por isso, faz-se necessário compreender a forma nos quais os jovens vão inserir-se nesse contexto heterogêneo e contraditório, afetado pela crise da pós-modernidade. Essa crise se manifesta na diminuição da qualidade de vida e nas decepções sofridas pelos jovens sobre suas expectativas do futuro.

No entanto esse jovem dentro de uma pertença religiosa está cercado por valores e normas que embora parecidos, são distintos. Convém esclarecer a diferença entre valores e normas de conduta, que estão inter-relacionadas. Por valor se entende o conjunto de princípios que, por unificarem um ideal cultural, ideológico ou institucional, de plenitude moral, deve ser buscado. Norma é o padrão representativo do desempenho ou procedimento usual tradicional de um dado grupo. Ao entender o conceito de motivo, inclui-se a explicação das ações, sua intenção ou incentivo, o que dá força psíquica para fundamentar seu agir.

É importante observar que os jovens católicos diante de inúmeras questões sobre crise de fé e de pertença religiosa precisam de uma orientação valorativa para sua realidade. Estes precisam estruturar uma visão de mundo e, conseqüentemente, o projeto de vida para avaliar e tomar decisões, para oferecer motivação e contribuir na integração social e na formação de sua identidade individual.

Não é fácil construir identidade, manter-se firme em sua pertença religiosa diante de tantas questões da pós-modernidade, por isso, é frequente a reflexão sobre a relação modernidade, pluralismo e crise de sentido ou identidade, que afligem tanto os jovens quanto os adultos mais maduros. *“A vida social cotidiana está repleta de múltiplas sucessões de agir social, e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo”* (BERGER; LUCKMANN, 2004, p.17).

As crises de fé e de construção de valores é comum, e faz parte da modernidade, os autores Berger e Luckmann (2004) afirmam que as questões sobre sentido fazem parte dos desafios da modernidade e que o individualismo e o pluralismo influenciam o estabelecimento de padrões de vida cheia de opções.

É preciso entender como acontece esse processo o qual os jovens estão inseridos. Para Berger e Luckmann (2004), o sentido, na sua complexidade consciente, percebe a relação entre experiências e age no social através, prioritariamente, das formas comunicativas de linguagem e dos seus símbolos.

Problemas surgidos no agir social interativo são solucionados em comum: as ações são transformadas em instituições sociais.

“Os sistemas hierárquicos de valor e de saber ordenados, assim criados, podem estar intimamente ligados [...] cortados na medida exata para transmissões futuras, [...] as funções como censura, canonização, sistematização e pedagogização, foram assumidos por peritos especializados” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 20).

É interessante entender que o resultado é a estrutura histórica do reservatório social do sentido a partir de conhecimento específico, que pretende regular o comportamento do indivíduo com a sociedade. No caso do jovem cristão, o reservatório de sentido é a Igreja, que se coloca como certeza moral e religiosa doutrinária, acirrando conflitos entre o indivíduo e a vida moderna.

Os valores e normas também são ressalva para a crise de pertença do jovem cristão, ou seja, o esquema institucional de valores informa toda a vida e objetiva o *“reprocessamento social do sentido e [...] o controle da produção e transmissão de sentido e [...] o controle da produção e transmissão de sentido”* (BERGER E LUCKMANN, 2004, P.22).

A orientação doutrinária objetiva que o indivíduo só pensa e faça o que corresponde às normas. O controle e censura impedem opiniões divergentes e competição interna e externa onde *“o sentido do agir e da vida pelo imposto como regra”* (p. 23).

O jovem católico assim como qualquer outro tem questionamentos e dúvidas sobre sua identidade, não apenas das suas crenças religiosas, mas angústias

existenciais e ético-sociais. A amplitude e abrangência da crise envolvem desde a sua visão do mundo, sua inserção e cooperação no sistema que abomina, sua sexualidade expressa em termos diferenciados do magistério da Igreja, sua espiritualidade e sua felicidade e liberdade.

Daí surge a crise de subjetividade que possui características específicas envolvendo corporeidade, ética, realização e religião, enquanto a Igreja, como reservatório de sentido, percebe o seu papel como produtor e transmissor monopolista de sentido, não admitindo contestação. Nesse aspecto os jovens tem pouca autonomia para pedir que seja revisto algo que discordam ou que queiram analisar, e isso permite que se agravem a crise de identidade e sua própria crise institucional.

Segundo Matteson (1972), na adolescência não ocorre uma única crise de identidade. Os jovens vão se confrontando com diversas alternativas, no princípio da adolescência, mais voltadas às mudanças corporais e, no final, mais voltadas às ideologias. Em cada época que se medir o estado de identidade pode haver mudanças no mesmo indivíduo que está em desenvolvimento.

O processo de consolidação de identidade do jovem na cultura pós-moderna ou segunda modernidade envolve a sua emancipação nos planos cognitivo, afetivo e social. Esse processo de emancipação frente à pós-modernidade se realiza numa sociedade mundial em grande transformação nas dimensões político-econômico, sociocultural e ambiental; na transformação e diversificação de modos de vida; no pluralismo ideológico-político; na revolução sexual e consumo desenfreado *“com um mínimo de autoridade e o máximo de desejo”* (MOTA, 2005, p. 10).

Os jovens e sua experiência religiosa nesta segunda modernidade são caracterizados pelo papel absolutamente dominante que nesta adquire a dimensão emocional. Isso comporta uma acentuação do valor da experiência pessoal subjetiva, da autenticidade afetiva, da dependência do líder na igreja e da procura pelo envolvimento do corpo e dos sentidos na experiência religiosa.

A pertença religiosa deve proporcionar a esse jovem uma experiência religiosa autêntica e verdadeira, que construam verdadeiramente um caráter cristão.

A verdade da experiência religiosa, de fato, não pode ser dita por discursos racionais ou dogmáticos, mas somente pela intensidade e pela autenticidade dos sentimentos experimentados.

Os adolescentes católicos vivenciam essa crise também por meio do tradicionalismo das pertencas que não procuram se adequar as mudanças contemporâneas. Assim suas experiências religiosas acabam sendo fundadas sobre uma relação fortíssima nos confrontos da modernidade e da secularização, e pela tendência do cristianismo de vir a conformar-se com essas últimas.

Observar esses aspectos de crise de pertença permitiu uma rápida análise dos desafios da realidade pós-moderna e a crise de sentido atual no jovem, constatando isso no presente individualismo na cultural juvenil. Com isso ficou evidente o quanto a ética e a religião já não orientam a tradição religiosa nas sociedades moderna e pós-moderna, proporcionando aos jovens referências inspiradoras de construção de projetos de vida humanizadores.

As pertencas católicas nesse enfoque tem buscado inserir novos movimentos eclesiais fundamentalistas que propõem aos jovens ofertas aos seus anseios e buscas de sentido para a vida. E para desenvolver soluções para enfrentar essas crises os líderes tem procurado desenvolver uma formação lúcida de trabalhos pastorais por meio da conscientização cristã que ultrapassa o conservadorismo.

Objetivando firmemente a estrutura de grupos ou movimentos bem organizados e de clareza doutrinal como o grande passo do assumir com serenidade as transformações.

Líderes católicos destacam que à educação cristã urge clareza e transparência. E por isso deve oferecer possibilidades humanas artísticas e práticas em resposta aos desejos e angústias de muitos jovens. Tirar o jovem de si mesmo para uma entrega aos outros é fazer uso de diferentes experiências religiosas que façam no ser humano descobertas fundamentais da vida.

2.3 CAUSAS DA CRISE DE FÉ E DA PERTENÇA RELIGIOSA ENTRE ADOLESCENTES DE BOA VISTA - RR

A crise de pertença entre os adolescentes em Boa Vista-RR, hoje se apresenta como alerta para uma nova postura de Igreja. Não há como continuar o debate e esclarecimento das questões fundamentalistas da Escritura. É inevitável também se continuar com os ensinamentos morais e religiosos de uma tradição refletida e articulada com a vida moderna.

Em grande parte as dificuldades e inseguranças da própria confusão afetiva da fase adolescente levam-nos ao afastamento das práticas religiosas. Tanto aqueles jovens que são religiosos praticantes, quanto àqueles outros que estão de fora necessitam de cuidados especiais seja na razão ou a partir da fé. A origem de cada crise difere entre eles, seja de natureza intelectual ou afetiva.

Parece difícil desenvolver uma identidade madura sem ter tido sucesso nas tarefas desenvolvimentistas anteriores e sem um fundamento de valores sólidos. O estudo da formação da identidade pessoal permite a avaliação do desenvolvimento do indivíduo, oportunizando o reconhecimento de possíveis desvios e a atuação preventiva.

Compreende-se a importância da área interpessoal no desenvolvimento da identidade. Observamos que na prática, pouco valor se dá a ela, deixando-se as pessoas se desenvolverem sozinhas nesta área, com pouca orientação, se compararmos com as atitudes ideológicas ou ocupacionais. É preciso que as escolas comecem a se preocupar mais com os relacionamentos, não só com o conteúdo.

Observa-se uma falta de valores em nossa sociedade que está afetando nossos jovens. Os valores das gerações passadas estão sendo desconsiderados, sem se colocar nenhum outro no lugar.

Num mundo globalizado, em que os meios de comunicação e a facilidade dos meios de transporte ampliam nossa visão, trazendo valores os mais diversos, torna-se necessário educar procurando valores comuns, universais e propor uma educação que considere a dignidade humana. Nesse processo, a escola tem papel fundamental, pois junto com seus conteúdos programáticos, pode permitir a

exploração nos diversos domínios, favorecendo ao indivíduo procurar compromissos firmes, sobre os quais pautar a sua vida, e que o ajude a ser útil à sociedade.

A adolescência pode representar um período de transição no desenvolvimento da religiosidade, quando jovens iniciam uma fase de questionamentos em relação a experiências e conceitos de fé herdados de suas famílias ou comunidades confessionais. Por isso, é notório que as “verdades”, que até aqui foram aceitas sem contestações, podem ser agora questionadas e colocadas em dúvida.

Para estes adolescentes inicia-se uma busca por uma religiosidade própria, que se define em novas imagens na forma de representar Deus e pela adesão a grupos que são escolhidos pelo indivíduo. O desenvolvimento da religiosidade também tem características peculiares, e existe a possibilidade de mudanças na adolescência. A pessoa adolescente poderá chegar, nesta fase da sua vida, agudamente vinculada aos seus grupos e à sua comunidade de fé, sem conseguir separar sua própria identidade das expectativas e valores de outros e dos grupos aos quais pertence, aceitando-os sem contestação.

Esta fase também representa a possibilidade de iniciar um processo de transição que se caracteriza por objetivar, colocar em dúvida e examinar todo o sistema de valores, de crenças e de fé. A pessoa adolescente pode começar a refletir criticamente sobre o sistema, inclusive o religioso, que fora anteriormente aceito sem questionamentos e, numa etapa seguinte, escolher as crenças, os valores, a visão de mundo e os grupos aos quais quer pertencer (FOWLER, 1992, p. 16).

Estes adolescentes podem assumir ou não um comportamento marcado pelo conflito e pela revolta, por questionamentos a respeito da fé e da existência ou não de Deus, a respeito da justiça no mundo e da maneira como a sociedade está organizada, um comportamento marcado por uma postura crítica e de afastamento das suas comunidades e grupos confessionais.

As crises, no entanto, se apresentam, quando há carência de experiências religiosas, de convívio familiar ou comunitário, adolescentes podem demonstrar indiferença em relação à religiosidade e a grupos ou instituições religiosas. A fase de transição pode se caracterizar por diferentes níveis de desenvolvimento e de maturidade e por uma diversidade de atitudes, posturas e comportamentos,

resultado das experiências individuais, grupais e comunitárias que cada adolescente teve na sua infância.

As pertenças religiosas para adolescentes deveriam levar em conta a realidade e as necessidades desta fase da vida, a diversidade em termos de experiências e de níveis de desenvolvimento, as questões relacionadas a gênero e a heterogeneidade de expectativas e interesses que podem ser encontradas num grupo de jovens. A disciplina poderá contar com instrumentos específicos que se referem às novas capacidades cognitivas adquiridas na adolescência.

É verídico que estas pertenças podem contribuir para o processo de transição para a vida adulta, de integração na sociedade e na busca por um fundamento e um sentido para a vida, na medida em que estimular o próprio processo de desenvolvimento de adolescentes.

Os valores e os princípios éticos e morais que vão nortear a definição de projetos de vida e a atuação na sociedade, podem receber um conteúdo religioso, os adolescentes podem ser orientados a assumirem sua responsabilidade como pessoas adultas.

As pertenças nesse sentido deveriam estimular o uso das capacidades que até aqui não estavam disponíveis e orientar o desenvolvimento da religiosidade em direção a uma religiosidade madura.

Na adolescência, o ser humano pode iniciar um processo de estruturação da sua identidade e separar seu eu dos outros e das expectativas dos grupos aos quais pertence. Ele se torna apto a mudar as imagens (antropomórficas) infantis de Deus e construir novas imagens em formas abstratas:

A crise de fé na vida desse adolescente precisa ser observada, pois para eles, Deus não é mais definido a partir das qualidades de pessoas adultas que foram significativas na infância, mas a partir de Deus mesmo.

Esta transição significa amadurecer na fé, ao buscar um sentido e um fundamento para a vida em Deus, dando a ele o seu devido lugar.

Elaborar uma identidade própria, construir novas imagens de Deus, buscar em Deus um poder que fundamente e dê sentido à vida são questões decisivas para a fase da adolescência.

Em sequência apresentamos a metodologia desenvolvida para a realização desta pesquisa de modo a evidenciar os estudos bibliográficos realizados para a fundamentação deste trabalho.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Quanto à abordagem a pesquisa é qualitativa, quanto à natureza esta é uma pesquisa aplicada que de acordo com GERHARDT & SILVEIRA, *“objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”*. (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p.34). Com relação aos objetivos esta se enquadra na pesquisa exploratória que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Adotamos a pesquisa qualitativa para conduzir nossa investigação, não na já superada oposição à pesquisa dita quantitativa (GAMBOA, 2007), mas no sentido de um termo que agrupa estratégias de investigação, que nos permitem focalizar o objeto a ser investigado, não como um dado inerte e neutro, mas possuído de significados criados pelos sujeitos em suas ações, de modo que o pesquisador e o pesquisado estejam em constante interação, num processo multidirecionado entre sujeito e objeto da pesquisa (BAPTISTA, 1999).

Marconi ainda acrescenta que *“nas investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece (...) mas na maioria das vezes há uma combinação de dois ou mais deles”* (MARCONI, 2009, p.17).

Além disso, o nosso propósito geral nesta pesquisa contempla uma metodologia de investigação que dá ênfase à descrição, à indução e ao estudo das percepções dos sujeitos envolvidos na pesquisa (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Assim, ao valorizar os aspectos descritivos e as percepções pessoais, a pesquisa qualitativa nos oferece maiores possibilidades de compreender os fenômenos, a partir do contexto em que estes se encontram.

O que muito contribuiu para que adotássemos a pesquisa qualitativa foi o fato de a sua abordagem oferecer um plano aberto e flexível, que “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o

mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2003, p. 79). Garnica caracteriza pesquisa qualitativa da seguinte forma:

a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese a priori, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-las podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas (GARNICA, 2004, p. 86).

Tendo em vista esse propósito, consideramos a análise teórica, a observação e o questionário, como técnicas para a coleta de dados desta pesquisa. A observação e o questionário representam as principais técnicas de coleta de dados utilizadas nas pesquisas qualitativas (ELLIOTT, 1993). Adotamos tais técnicas, pois possibilitam um contato mais próximo com os sujeitos pesquisados, facultando a proximidade com o modo como se relacionam com o objeto da pesquisa, o que pode contribuir para obtenção de informações que refletissem as suas percepções quanto a crise de pertença religiosa.

Com a sequência didática da metodologia passamos ao capítulo a seguir a realização da análise dos dados colhidos junto aos adolescentes e a o ambiente pesquisado. Para essa análise construiu-se gráficos que serão descritos a seguir para uma melhor visualização.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS INDICADORES DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA DOS ADOLESCENTES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS DE BOA VISTA (RR)

Esses indicadores da crise de fé e de pertença religiosa dos adolescentes entrevistados serão analisados quantitativa e qualitativamente.

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PESQUISA

Os dados obtidos buscaram identificar as características da pertença (experiência) religiosa e da crise do adolescente ante o sagrado, na transformação cultural de uma sociedade secularizada e elencar suas percepções (representações), motivações e atitudes a interferirem no relacionamento de adolescentes com Deus.

Essa Pesquisa de campo foi realizada com 50 Jovens de pertenças religiosas (evangélica e católica), sendo 25 de cada pertença, localizada em um bairro de Boa Vista-RR, na periferia do centro urbano, na qual, de modo geral, estão presentes as Igrejas protestantes (Batistas, Presbiterianas, Adventistas do 7º dia) e evangélicas (Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Brasil para Cristo, Igreja quadrangular), entre outras.

No Brasil e em Boa Vista, os pastores dessas Igrejas, especialmente, as evangélicas, são conhecidos por sua pregação moralista, puritana e condenatória de ideologias (evolucionismo, cultos afro-brasileiros, imagens, as outras Igrejas, concepção da vida) e dos costumes (vestir, beber, dançar, relações pré-matrimoniais, vida social juvenil) tendo como referência negativa principal a Igreja Católica Apostólica Romana.

Os dados coletados na Pesquisa de campo serão discutidos por meio de (análise quantitativa: percentagens) e interpretados (análise qualitativa) segundo os teóricos que embasam a Pesquisa.

As 25 questões do Questionário Misto serão divididas em: (1) Dados sociodemográficos. (2) Dados da pertença (experiência) e crise religiosa adolescente, havendo no final a discussão e a interpretação em cada um dos dois blocos (A - Dados sociodemográficos e B- Dados da pertença e crise religiosa adolescente).

O questionário misto foi utilizado devido à necessidade de caracterização inicial dos adolescentes com quem iríamos trabalhar. Optamos pela utilização de um instrumento que, pelas suas características, possibilitasse recolher dados de forma rápida e eficaz sobre algumas características dos adolescentes quanto à sua prática religiosa.

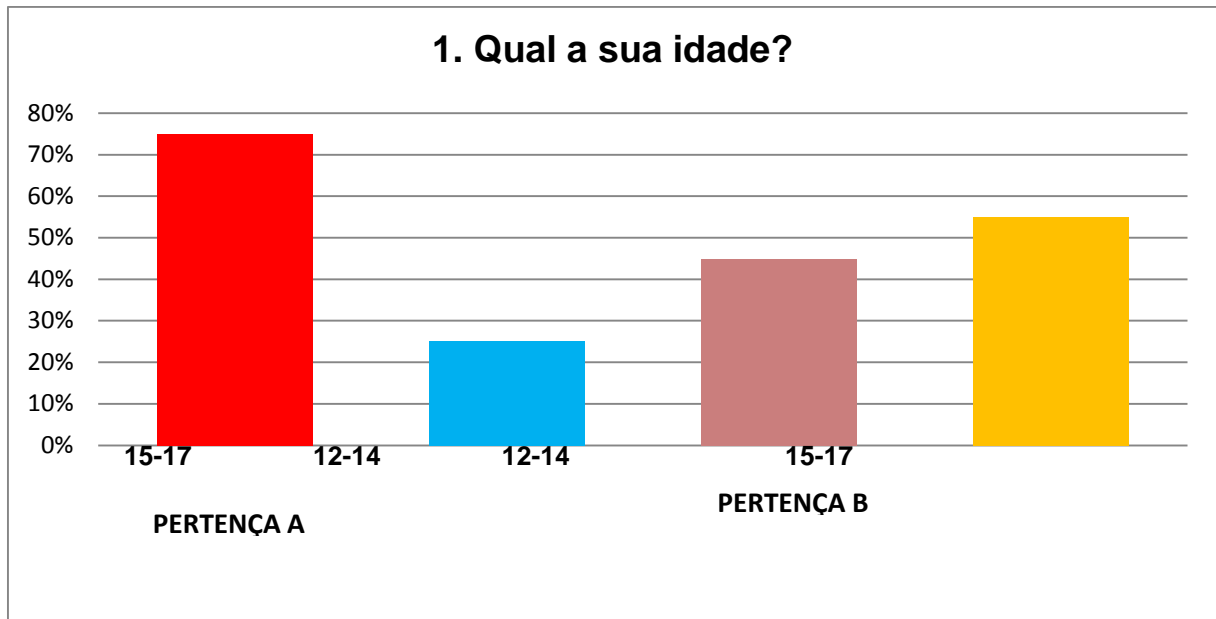
Havendo a possibilidade de, posteriormente, poder aprofundar essa informação, através do contato direto com os professores, consideramos que seria o questionário misto o instrumento adequado para a concretização daquele objetivo.

Depois de recolhidos, os questionários foram analisados, com base no cálculo das frequências e percentagens verificadas nos itens de resposta fechada e com procedimentos de análise qualitativa de dados no caso das questões abertas.

Dos adolescentes da Pertença A (Evangélica) e da Pertença B (Católica) obtivemos nos Dados sociodemográficos os seguintes escores: Com relação à "idade" (q. 1), 25% dos adolescentes da Pertença A (Evangélica) possuíam idade entre 12 a 14 anos, 75% possuíam idade entre 15 a 17 anos. Na Pertença B, 45% dos adolescentes possuíam idade entre 12 a 14 anos e 55% entre 15 a 17 anos.

O que se observou é que grande parte dos adolescentes (15-17 anos) que participam das pertenças religiosas estão chegando à maioridade.

GRÁFICO 01 - Idade



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

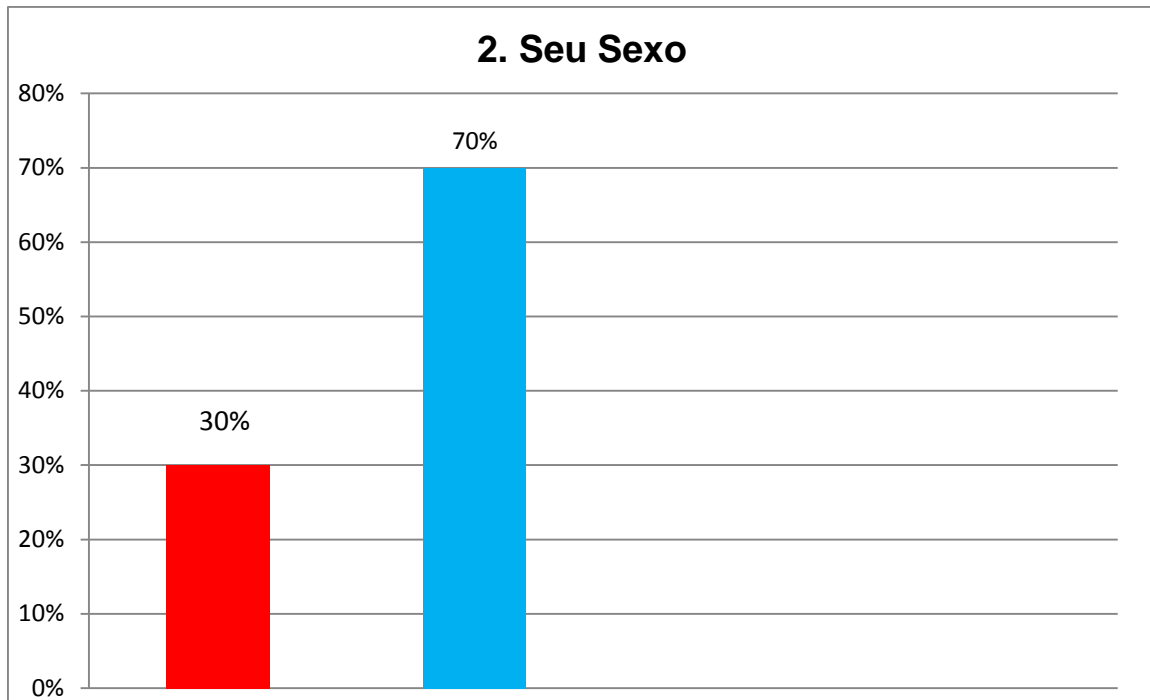
Groppo (2000) define juventude como uma categoria social e observa que tal definição faz da juventude, mais que uma faixa etária ou classe social restrita a limites de idade ou sexo.

Segundo ele, é mais complexo por evidenciar estilos de vida de um grupo que está passando por uma intensa transformação de sua visão de mundo, da religião e de outros elementos que lhe pareciam estabelecidos como verdade absoluta.

Assim, uma análise desse grupo deve estar ancorada nas várias possibilidades inerentes a esse segmento.

Na pergunta seguinte, referente ao “sexo” (q. 2), obtivemos os seguintes resultados, 70% dos entrevistados eram mulheres e 30% eram homens. Observa-se aqui a quantidade maior do sexo feminino.

GRÁFICO 02 - Sexo

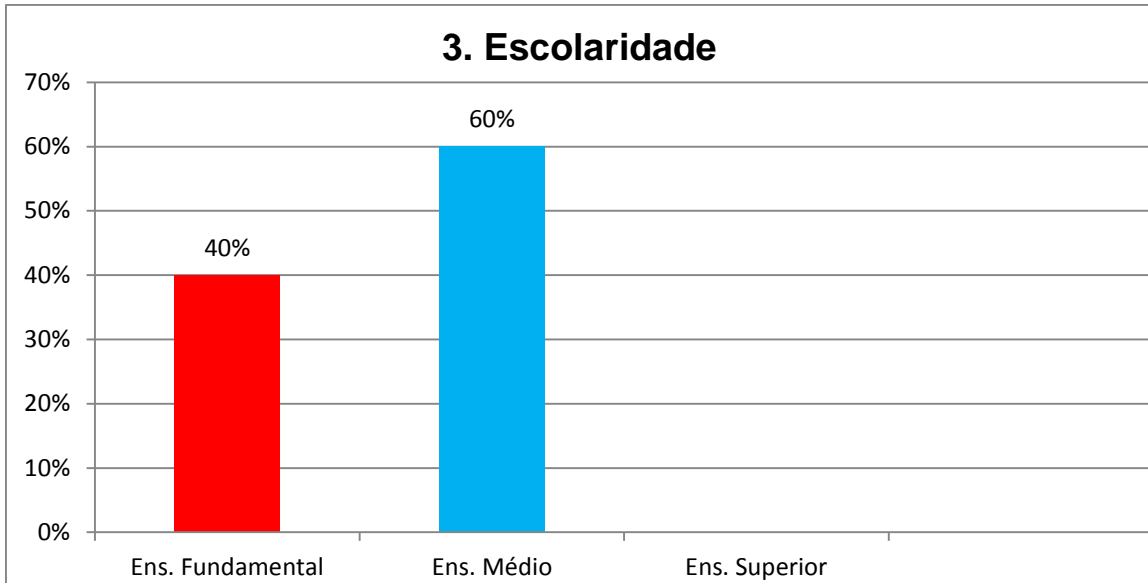


Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2.

Em sequência, perguntou-se sobre o “grau de escolaridade” (q. 3), e as respostas foram: 40% Ensino Fundamental, 60% Ensino Médio.

Os dados são compreensíveis, uma vez que a maior parte é de adolescentes entre 15 a 17 anos como se vê no gráfico seguinte.

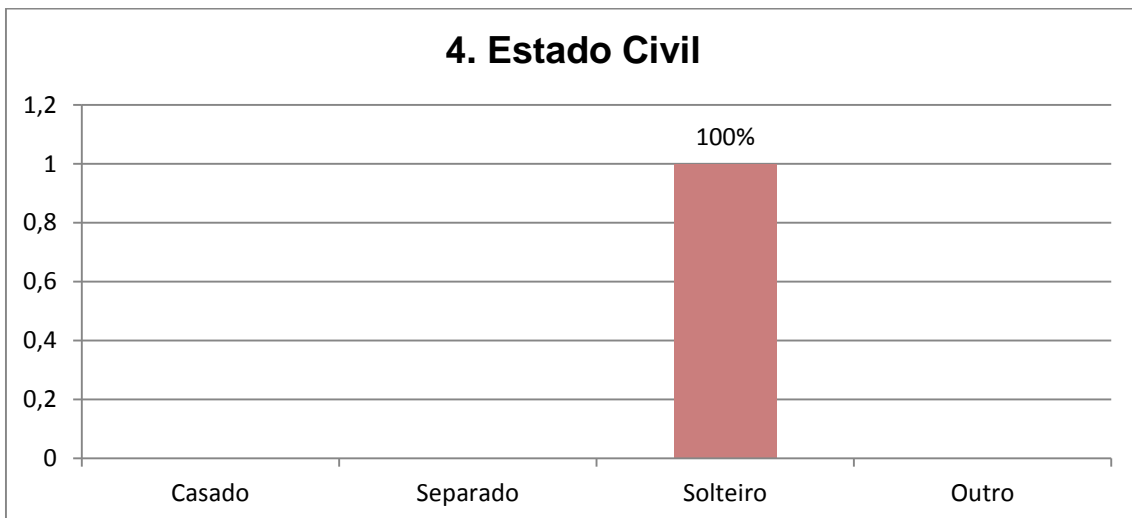
GRÁFICO 03 - Escolaridade



Fonte: E.M. C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

O questionamento seguinte estava relacionado ao “Estado Civil dos adolescentes” (q. 4). Assim, na Pertença A como na B, os entrevistados foram unânimes em responder que são solteiros, ou seja, 100% responderam que são solteiros.

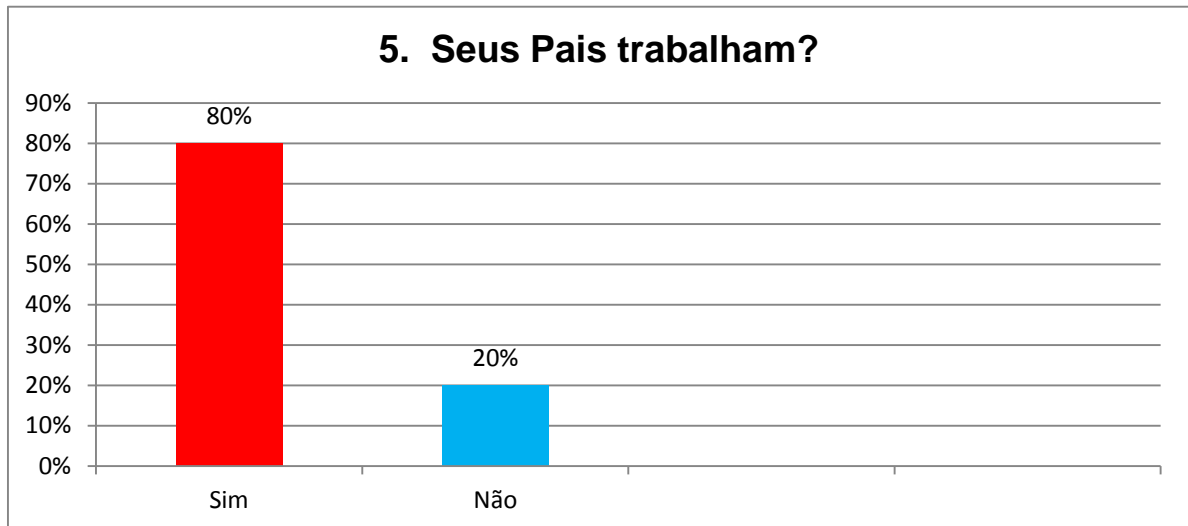
GRÁFICO 04 - Estado civil



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo 2014.2

Posteriormente foi perguntado “se seus pais possuíam algum trabalho” (q.5), 80% responderam que sim, e 20% que não, ou seja, que seus pais não trabalhavam (20%).

GRÁFICO 05 - Ocupação dos pais



Fonte: E. M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

A sexta questão, na parte B do Questionário Misto (Pertença e crise religiosa adolescente), foi sobre a “crença da existência de Deus” (q.6). Nesse aspecto 100% responderam que sim, ou seja, acreditam na existência de Deus como mostra o gráfico seguinte.

Acredita-se que os motivos para acreditar em Deus têm a ver com a vivência religiosa na família ou na comunidade de fé e falam da influência que estes grupos exercem sobre a pessoa. Adolescentes podem repetir o discurso religioso que ouviram na comunidade de fé: “[...], porque deu sua vida por nós”, ou “[...], porque tem poder sobre nós”, ou ainda “[...], porque Deus é a verdade e a vida, acredito na sua presença e deposito minha confiança nele”. “Acredito em Deus, porque quero a salvação eterna e porque ele cumprirá suas promessas na Bíblia, e em Cristo.”

Também se observa que existem outros motivos para se acreditar em Deus que também podem ser buscados naquilo que adolescentes aprenderam e ouviram de outras pessoas: “a maioria das pessoas acredita em algo”, ou “todas as pessoas

necessitam algo em que acreditar”, ou então “porque todos tem que ter uma crença na vida”.

GRÁFICO 06 - Crença na existência de Deus



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

A sétima questão foi sobre o “relacionamento com Deus” (q. 7). Na Pertença A (evangélica), 75% responderam que sim e 25% que não e na B (católica), 90% responderam que sim e 10% que não.

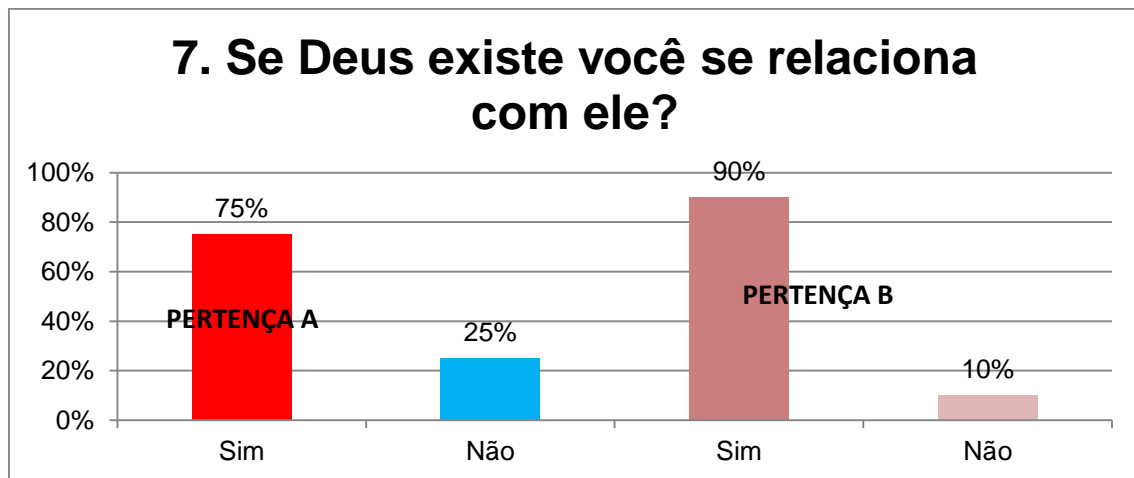
Na fase da adolescência pode iniciar-se um período de mudanças na imagem de Deus. A pesquisa de J. Fowler (p.138, 1992) sobre o desenvolvimento da fé demonstrou que uma das características da adolescência é a possibilidade da mudança da imagem de Deus. No estágio 3 da fé sintético-convencional 66 Estudos Teológicos, v. 46, n. 2, p. 60-73, 2006 destacam-se duas características: a identidade da pessoa é moldada pelos grupos nos quais a pessoa está integrada e o sistema de vida e de valores é tácito, ou seja, não examinado.

À pergunta complementar sobre o “como” do relacionamento com Deus? as respostas foram variadas, destacando as mais numerosas: louvando, adorando, lendo a bíblia, por meio da fé, jejuando e orando.

Sabemos que somos seres sociais. Portanto, o desenvolvimento da nossa fé tem suas sutilezas a partir das relações humanas. Relacionando-se com os outros, o ser humano se encontra e se define como pessoa. Isso influencia o significado que damos à vida e à maneira como desenvolvemos a nossa fé. Segundo Iris Serbenna,

[...] a fé começa a ser percebida ou assimilada pela criança nas linguagens (verbais e não verbais) inseridas no relacionamento. Ao primeiro choro, com o sopro de vida nos pulmões, se dá o início da educação para a fé. Antes mesmo de ouvir falar de Deus ou pronunciar seu nome, a criança terá sentido na pele e respirado o oxigênio da atmosfera de Deus, e percebido sua realidade velada que cerca o mundo das pessoas. Por isso se diz que a fé entra pela carne.(p.33, 1987).

GRÁFICO 07 - Relacionamento com Deus e o como se relacionam com Ele



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

A oitava questão inquiriu ao adolescente: “como você imagina que Deus é” (q. 8)? O objetivo era compreender a visão que esses adolescentes tinham sobre Deus. A resposta que se obteve na Pertença A, foi de um Deus bondoso, lindo, maravilhoso. Na Pertença B, as respostas que se sobressaíram foram: perfeito, honesto, digno e amoroso.

Na fase da adolescência, toda a educação na fé é indispensável para a formação saudável da identidade. Deus parece estar vinculado a um relacionamento profundo, no sentido de desejo de conhecimento do outro. Nele existe algo de misterioso, que transparece na busca da plenitude da vida frente aos limites que ela mesma impõe. Deus geralmente é visto como companheiro, amigo pessoal, sempre pronto a dar sua orientação e apoio.

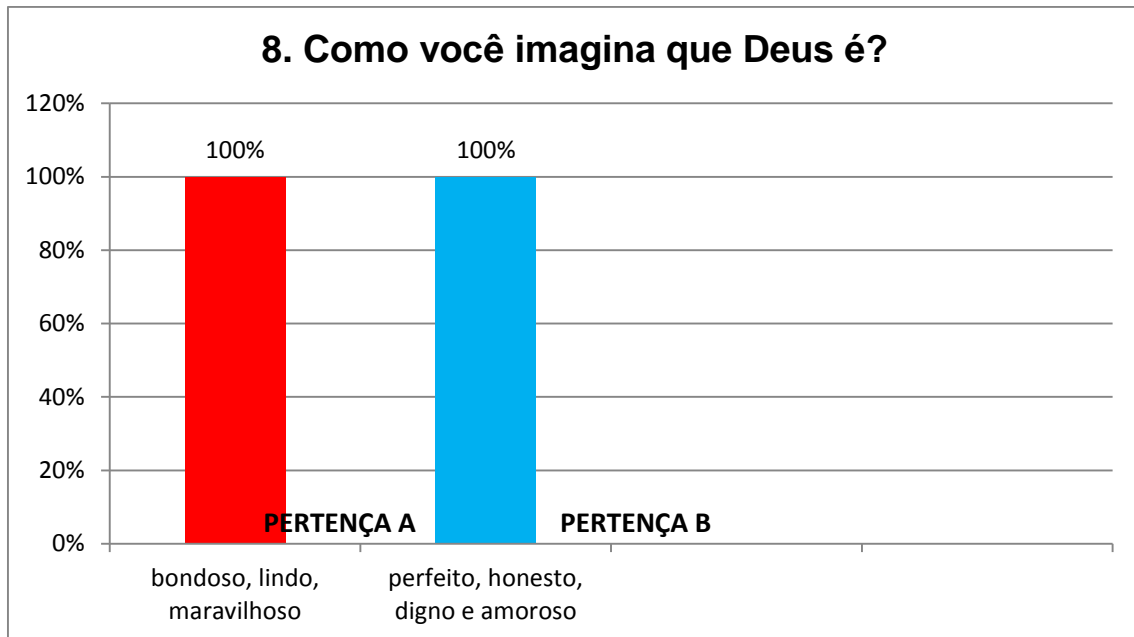
Segundo Iris Serbenna, (1987).

O conhecimento de Deus é, antes, um encontro com os pais. A criança constrói, aos poucos, a imagem de Deus com os elementos recebidos dos adultos. Sempre que os pais se mostram severos e exigentes, ela vai formando a idéia de um Deus hostil, mais dado ao castigo que à graça, que vê muitos erros e poucas virtudes. Esse tipo de tirania pode, no futuro, dar lugar à revolta. Tudo o que a criança vive hoje, obscuramente, com os pais, é o que será descoberto amanhã, mais claramente, entre ela e Deus. (SERBENNA, 1987, p.36).

O adolescente é convencional quanto à opinião de outros e apreende novos valores a partir do que recolhe em seus relacionamentos e da maneira como organiza esses valores internamente. Sua perspectiva das coisas ainda é dependente, pois sua identidade até este momento está em formação.

A fé é um pilar que sustenta não só a espiritualidade, mas a dimensão pedagógica na vida de nossas igrejas. Os autores estudados aqui nos ajudam a perceber o estreito relacionamento entre a fé e o desenvolvimento humano, bem como sua importância para a convivência em nossas comunidades.

GRÁFICO 08 - Percepção de Deus



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

É importante observar que os adolescentes se referem a Deus como um ser incomparável, grandioso e incorruptível. Esse olhar caracteriza a fé em um Deus que pode tudo. E esse fator é importante para se analisar uma crise de pertença religiosa, pois, nessa idade é complexo perceber tais características de ideologias e pensamentos bem fundamentados.

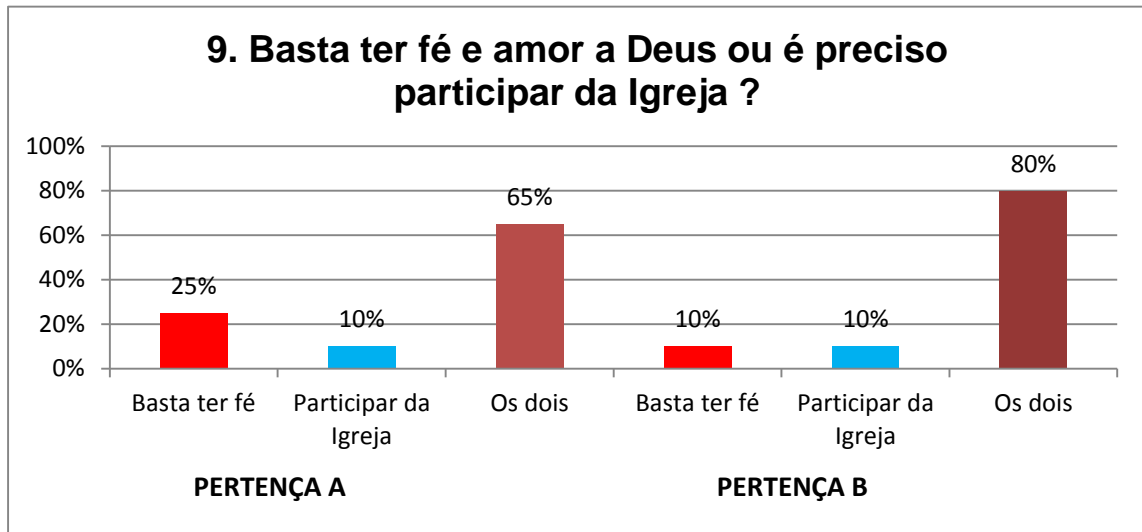
Como estão em fase de aprendizagem com suas próprias experiências, o adolescente tem esses conceitos de Deus por meio do grupo de pertença religiosa e depende da experiência individual de cada um em seu lar, podendo cada experiência nova (grupo de pares) vir abalar sua pertença religiosa, gerando uma crise religiosa, às vezes, muito grave.

A pergunta seguinte foi sobre a “participação na Igreja” (q. 9): “Se era preciso fé e amor a Deus, ou somente frequentar a igreja ou participar concretamente das atividades globais da Igreja?”

Nessa questão, obteve-se, na Pertença A, que 25% afirmaram que Basta ter fé e amor a Deus; 10% disseram que é necessário participar da Igreja e 65% aceitam os dois (fé e participação).

Na Pertença B, 10% que disseram Basta ter fé e amor a Deus; 10% afirmaram que é necessário participar da Igreja e 80% aceitam os dois (fé e participação).

GRÁFICO 09 - Fé e participação na Igreja da pertença



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

Essas respostas demonstram mais uma vez que as Igrejas precisam buscar mais fundamentação para a fé de seus adolescentes. Quando não existe essa preocupação por parte das Igrejas, os adolescentes ficam fragilizados no seu contexto, e diante de qualquer situação ameaçadora a sua fé pode ser abalada e então entram em crises como mostra a gráfico 9.

A influência dos diferentes contextos sociais, culturais e religiosos nos quais as pessoas estão inseridas e as respostas particulares que cada indivíduo dá aos estímulos e apelos desse contexto precisam ser levados em conta também no que se relaciona ao desenvolvimento da religiosidade na adolescência. Parece ser mais prudente falar em religiosidade de adolescentes e não em adolescência. Por outro lado, se aceita a tese da moratória religiosa, torna-se vital exercitar qualidades como tolerância, sensibilidade e abertura ao diálogo.

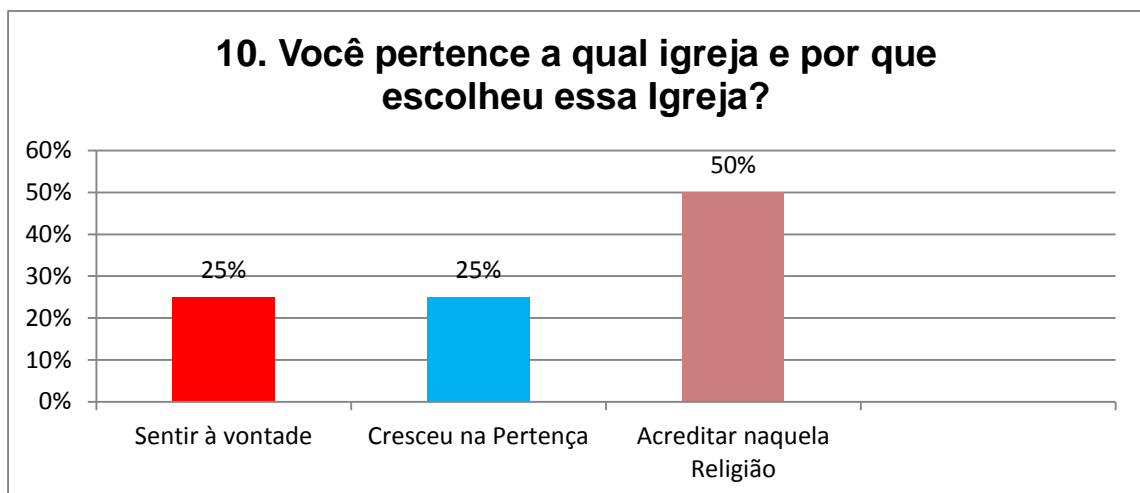
A pergunta seguinte foi sobre “a qual igreja pertencia e o porquê da escolha” (q.10). As respostas foram tanto na Pertença A como na Pertença B, as seguintes:

25% responderam Por se sentir à vontade; 25% por que cresceu indo para aquela Igreja e 50% por acreditar naquela religião.

Para Groppo (2000, p. 23) *“na juventude [...] a vida é nova, e as forças formativas estão começando a existir e as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador de situações novas”*.

Ressalte-se que foram 50 pessoas que responderam: 25 pertenciam à Igreja Evangélica e 25 à Igreja Católica como está colocado no gráfico 10 a seguir.

GRÁFICO 10 - A Igreja da pertença e as razões da escolha



Fonte: E.M.C.PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

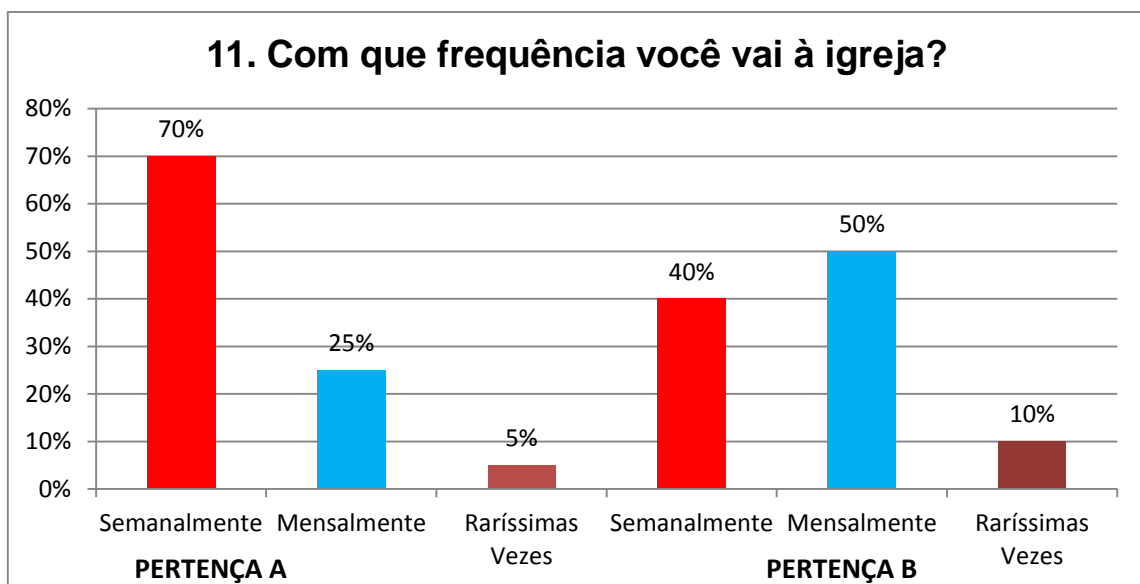
De acordo com Carrier:

Vários estudos sugerem que, psicologicamente falando, não se pertence da mesma maneira a uma seita ou a uma instituição eclesiástica. Percebe-se, de fato, que os grupos religiosos têm ideias de salvação que determinam atitudes próprias em seus fiéis. [...] Sendo a igreja a única dispensadora dos meios de salvação, a pessoa deve necessariamente aderir a ela se desejar participar da justificação espiritual. A seita, ao contrário, rejeita toda mediação litúrgica e sacerdotal para a graça; (por isso) pertence-se à seita como se pertence a uma associação voluntária (CARRIER, 1965, p.175).

O questionamento seguinte foi sobre “a frequência à igreja” (q. 11). Nessa questão tivemos as seguintes respostas:

Na Pertença A, 70% falaram que semanalmente; 25% mensalmente e 5% raríssimas vezes. Na Pertença B, 40% responderam que semanalmente, 50% mensalmente e 10% raríssimas vezes.

GRÁFICO 11- Frequência à Igreja



Fonte: E.M.C.PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

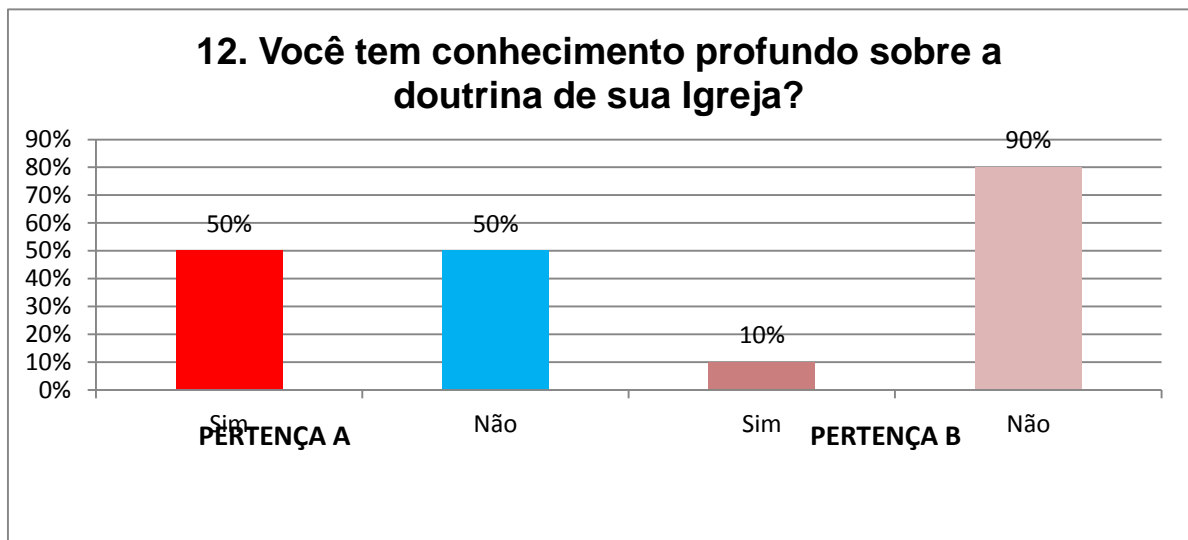
Os jovens, ao vivenciarem a sua fé, buscam muito mais experiências religiosas fortes e significativas que uma sistemática programação da própria relação com Deus proposta pelas Igrejas, duvidando também, muitas vezes, da existência de Deus ou tendo um relacionamento emocional, individual e intimista com Deus, marginalizando a vivência religiosa comunitária, inserindo-se a religião num “sentido projetual de si”, no processo de subjetivização, influenciado pela modernidade e secularização (FIZZOTTI, 1992).

A questão seguinte foi sobre o “conhecimento da doutrina da Igreja da qual o adolescente participa” (q.12). Na Pertença A, 50% responderam que sim e 50% responderam que não. Na Pertença B, 10% responderam que sim, e 90% que não.

No caso das doutrinas, a pertença é reforçada pela coesão do grupo religioso que tende a ser o principal grupo de referência da pessoa: nelas, quem se desliga

da religião rompe os laços sociais com a coesa comunidade de crentes que lhe dá sustentação. “Quando o grupo religioso é praticamente coextensivo com o grupo nacional ou humano, a exclusão de um envolve a rejeição do outro” (CARRIER, 1965, p. 172).

GRÁFICO 12 - Conhecimento da doutrina da Igreja da Pertença

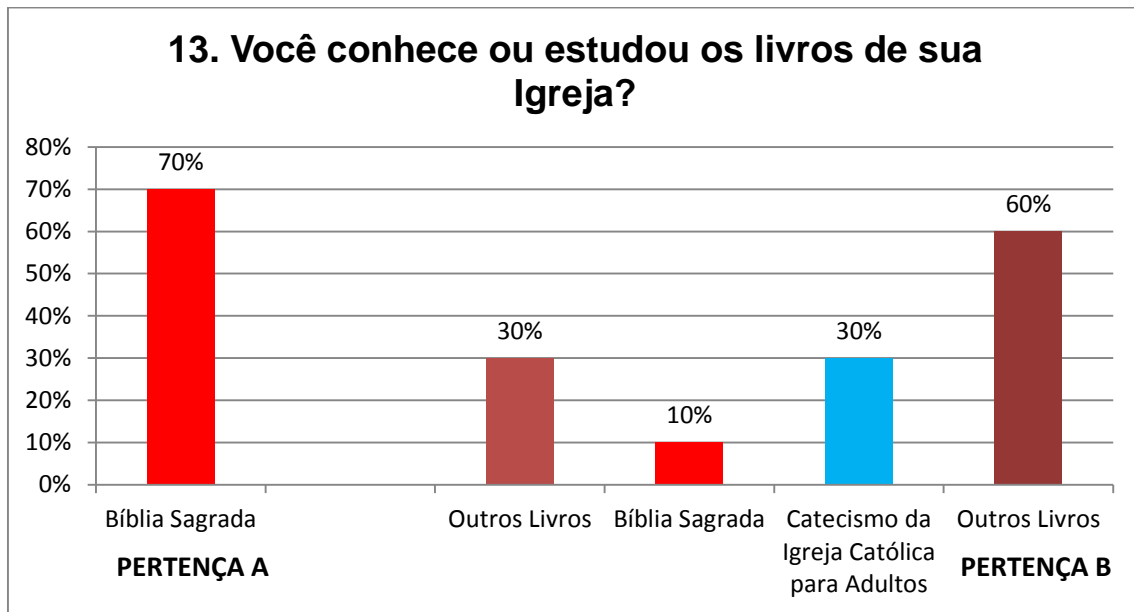


Fonte: E.M.C.PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

A décima terceira questão foi sobre o “conhecimento e estudo dos livros religiosos de sua Igreja” (q. 13).

Nessa questão, verificou-se que na Pertença A, 70% estudam a Bíblia Sagrada e 30% leem outros Livros. Na Pertença B, 30% estudam o Catecismo da Igreja Católica, 10% leem a Bíblia Sagrada e 60% outros livros.

GRÁFICO 13 - Estudo dos livros da Igreja da Pertença: Bíblia, Catecismo, livros



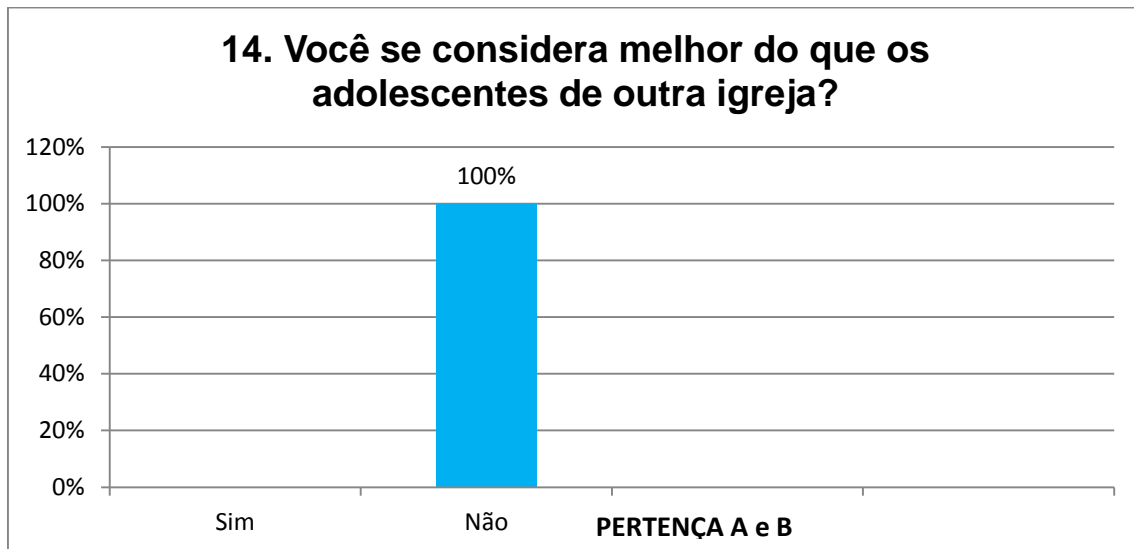
Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

As respostas a esse questionamento mostram um pouco a diferença entre os adolescentes evangélicos e católicos. Acreditamos que a doutrina por ser diferente influencia no estudo dos seus livros como fundamentos de sua crença na Pertença Religiosa.

Na igreja evangélica, o hábito de estudo da Bíblia é maior do que na Igreja Católica e isso pode evidenciar vários fatores que interferem na permanência dos adolescentes na Igreja, quer seja por conhecimento ou por falta dele.

A pergunta seguinte foi questionando “se se consideravam melhores do que os adolescentes de outras igrejas” (q. 14).

Gráfico 14 - Considerar-se melhor que os adolescentes de outra Igreja



Fonte: E.M.C. PAZ. Pesquisa de campo, 2014.2

A este questionamento foram unânimes as respostas nas duas pertenças (evangélica e católica), ou seja, 100% responderam que não e que todos somos iguais.

É importante observar a maturidade desses adolescentes ao compreenderem a igualdade em qualquer religião: que não importa a crença, a religião ou pertença religiosa, todos somos iguais perante Deus e a sociedade.

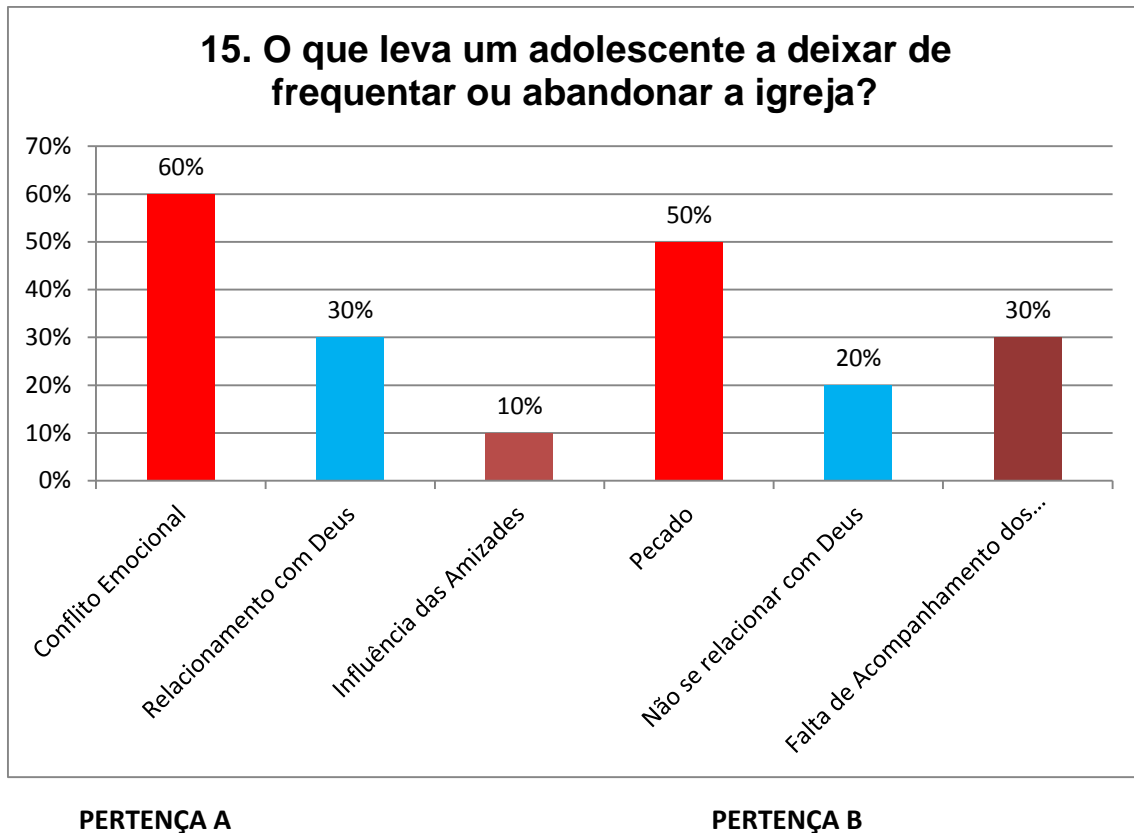
Em sequência foi perguntado “o que leva um adolescente a deixar de frequentar ou abandonar sua igreja”? (q. 15).

Os adolescentes da Pertença A, 60% responderam que seria conflito emocional, 30% relacionamento com Deus e 10% Influência de amigos.

Na Pertença B, as respostas foram: 50% responderam que foi o pecado; 20% responderam por não se relacionar com Deus e 30% por falta de acompanhamento dos líderes religiosos de ambas as Igrejas.

Groppo (2000) defende a idéia de que a juventude atua como transformadora da ordem social. Segundo ele, a resistência dos indivíduos a mudança é maior entre os adultos do que entre os jovens. Isto porque os primeiros já apresentam seus quadros referenciais formados.

Gráfico 15 - Afastamento ou abandono da Igreja da Pertença



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

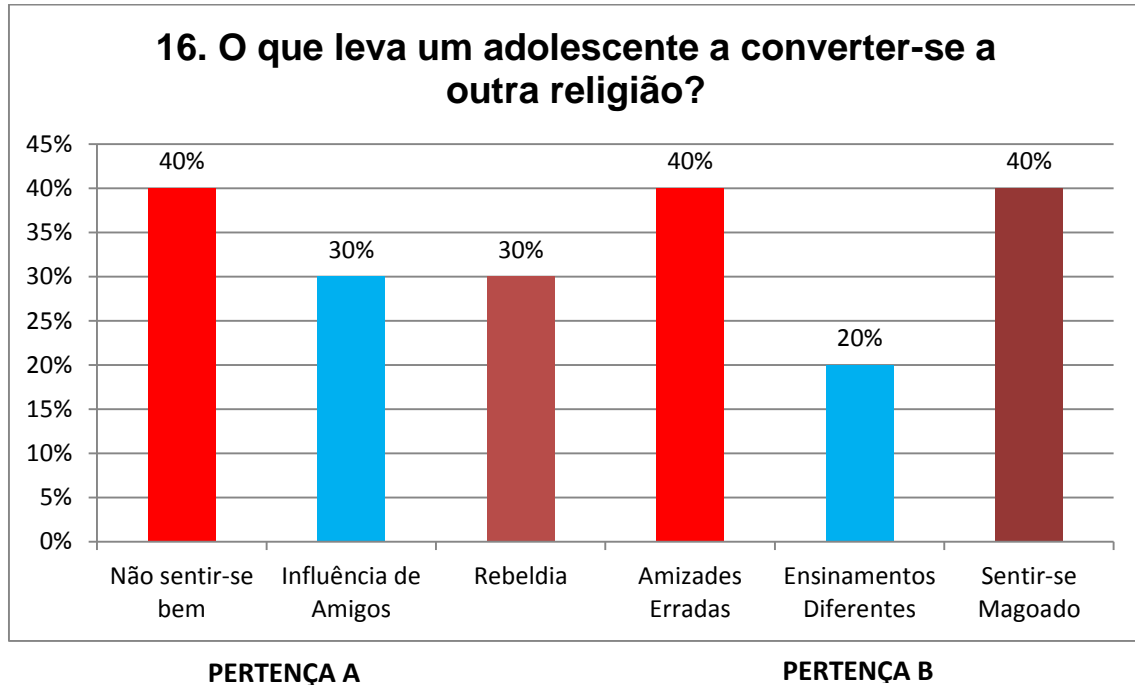
Na décima sexta questão, perguntou-se “o que leva um adolescente a converter-se a outra religião” (q. 16).

As respostas dadas foram: Na pertença A, 40% responderam que seria o não se sentir bem, 30% a influência de amigos, 30% a rebeldia.

Na Pertença B, não foi muito diferente: 40% afirmaram ser as amizades erradas, 20% os ensinamentos diferentes e 40% afirmaram sentir-se machucados ou magoados por alguém da Igreja da pertença.

No entender de Richards e Bergin (1997), o religioso é um subconjunto do espiritual, sendo possível ser religioso sem ser espiritual e vice-versa. É possível ter uma religião apenas por convenção, é também possível ser espiritualizado sem filiar-se a uma religião, ou ainda ter religião, ser religioso e espiritualizado.

GRÁFICO 16 - Razões da conversão à outra Igreja



Fonte: E.M.C. PAZ. Pesquisa de campo. 2014.2

Esses dados revelam a importância de estar observando o comportamento dos adolescentes dentro da igreja, como eles mesmos afirmam: a rebeldia, as influências de amigos, sentir-se magoados por palavras ou atitudes.

Tudo pode ser referência para que o adolescente entre crise de pertença dentro da sua religião ou crença.

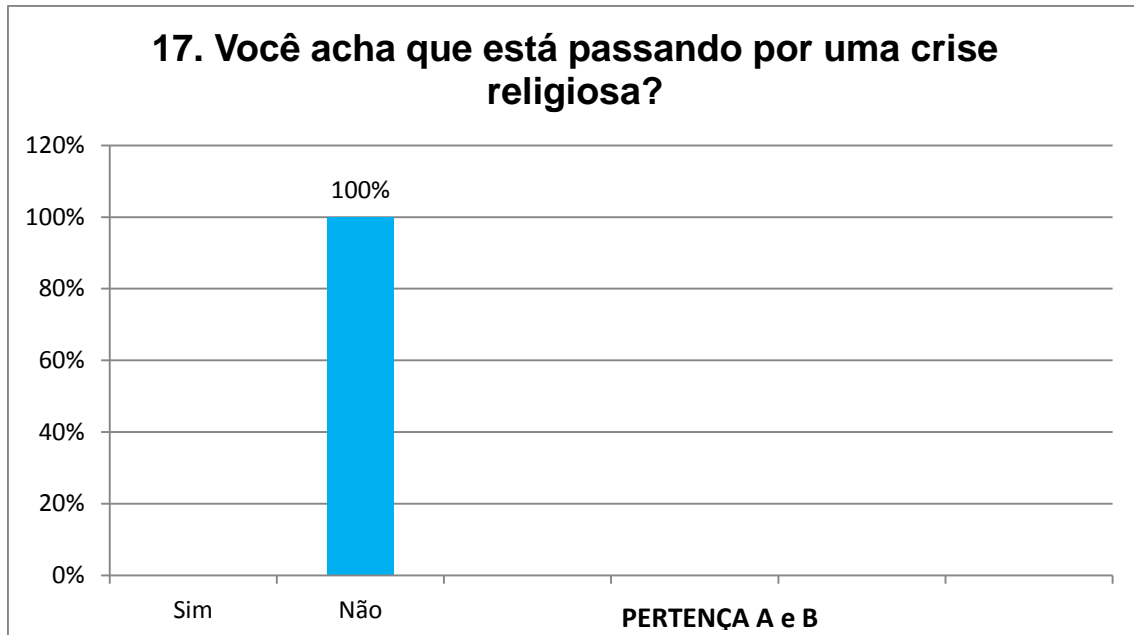
Na próxima questão foi perguntado sobre “a existência da crise religiosa em sua vida pessoal” (q.17).

Embora convictos da realidade e dos aspectos citados nas questões anteriores, todos foram unânimes em responder que não se encontram em crise de pertença.

Esse aspecto pode evidenciar algo importante que nem sempre se observa, pois, quando um adolescente está passando por crises, ele não se deixa ser visivelmente reconhecido e isso quando detectado por um líder ou alguém da

pertença possivelmente ele já se encontra em um estágio avançado como mostra o seguinte gráfico.

GRÁFICO 17 - Crise religiosa no adolescente



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

Segundo Foracchi podemos compreender melhor como se origina na adolescência as crises de fé e de pertença religiosa, é preciso considerar que:

O importante, todavia, é registrar que o estado de crise que marca social e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou continuidade que entre e as se estabelecem, são analisadas com base na crise da juventude ou, mais precisamente, na crise de uma geração. Dessa colocação a juventude surge, naturalmente, como um problema particular e como um conceito a ser examinado. (FORACCHI, 1972, p.25)

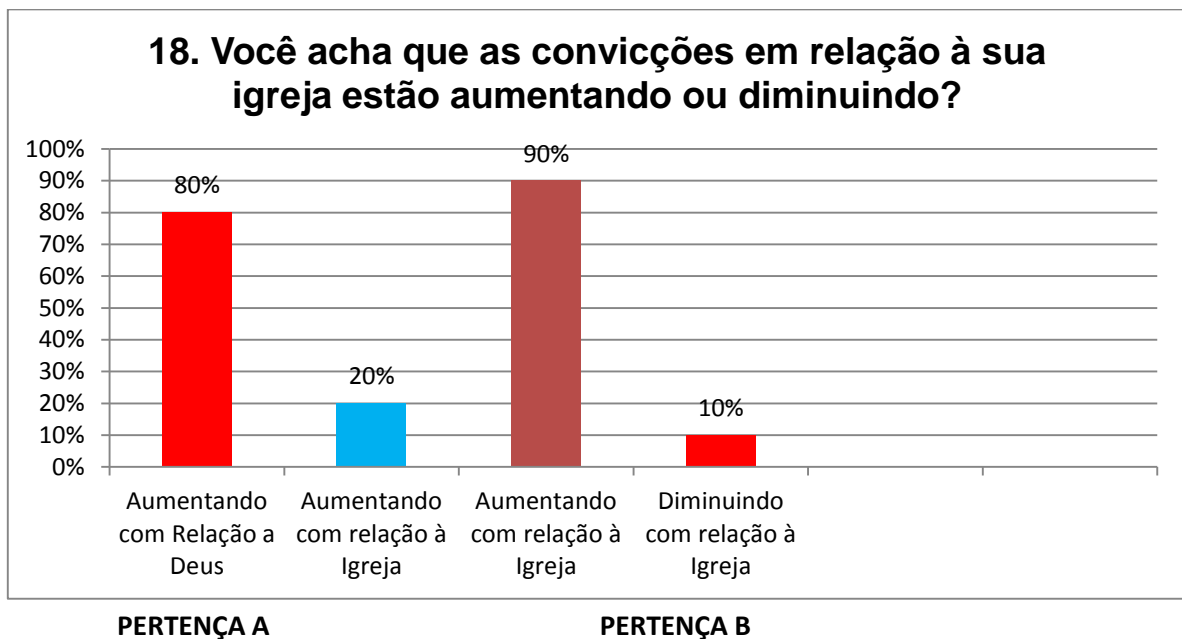
A questão seguinte foi sobre as convicções antigas sobre Deus na infância se estão aumentando ou diminuindo (q. 18).

Para este questionamento as respostas foram as seguintes:

Na Pertença A, 80% responderam que essas convicções estão aumentando com relação a Deus e 20% responderam que estão aumentando com relação à Igreja. Na Pertença B, 90% afirmaram que estão aumentando em relação a Deus e

10% responderam que estão diminuindo com relação à Igreja, percebendo-se que os católicos têm uma maior crítica à sua Igreja que os evangélicos. Talvez aos evangélicos não seja permitido pelos pastores uma visão crítica de sua Igreja, havendo uma unanimidade massificante e acrítica como torna claro o gráfico 18 a seguir.

Gráfico 18 - Mudança nas convicções sobre Deus e a Igreja da Pertença

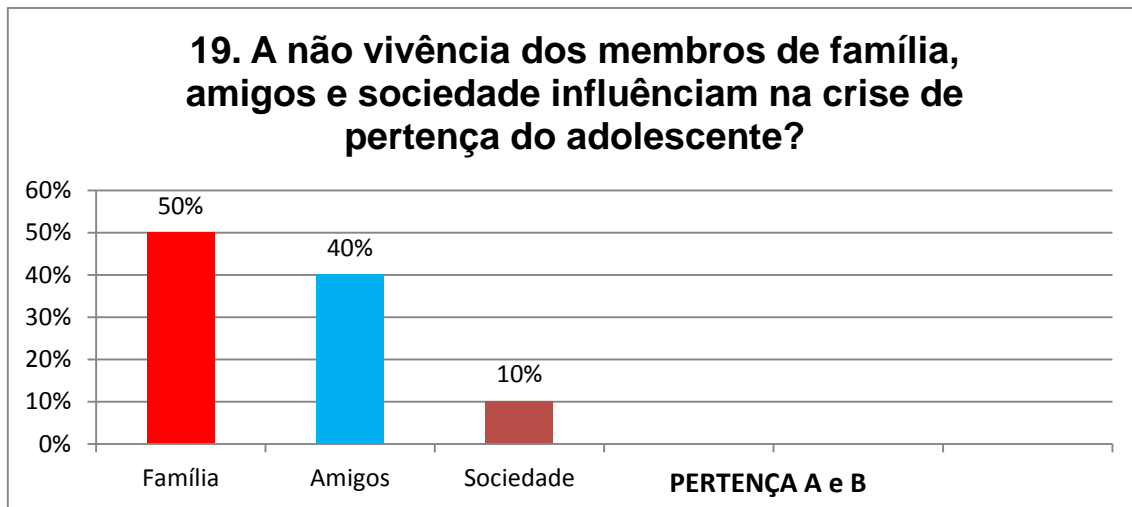


Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

Na questão seguinte sobre a “não vivência e prática religiosa dos membros de sua família, dos amigos e da sociedade a influírem na crise religiosa adolescente” (q. 19), obtivemos as seguintes respostas:

Nas duas Pertenças (A-B), 50% responderam que a família influencia, 40% responderam que seriam os amigos e 10% a sociedade como deixa bem claro o gráfico seguinte (19).

GRÁFICO 19 - Influências na crise de fé do adolescente: família, amigos e sociedade.



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

De acordo com Amaral (2006).

O pertencimento ou sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. (AMARAL,2006, P.23).

Em sequência foi perguntado sobre a “felicidade do jovem que se afasta dos caminhos de Deus” (q.20). Nesse questionamento também foram unânimes as respostas nas duas Pertenças. Ambos responderam 100% que não.

GRÁFICO 20 - A felicidade longe da Igreja de Pertença



Fonte: E,M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

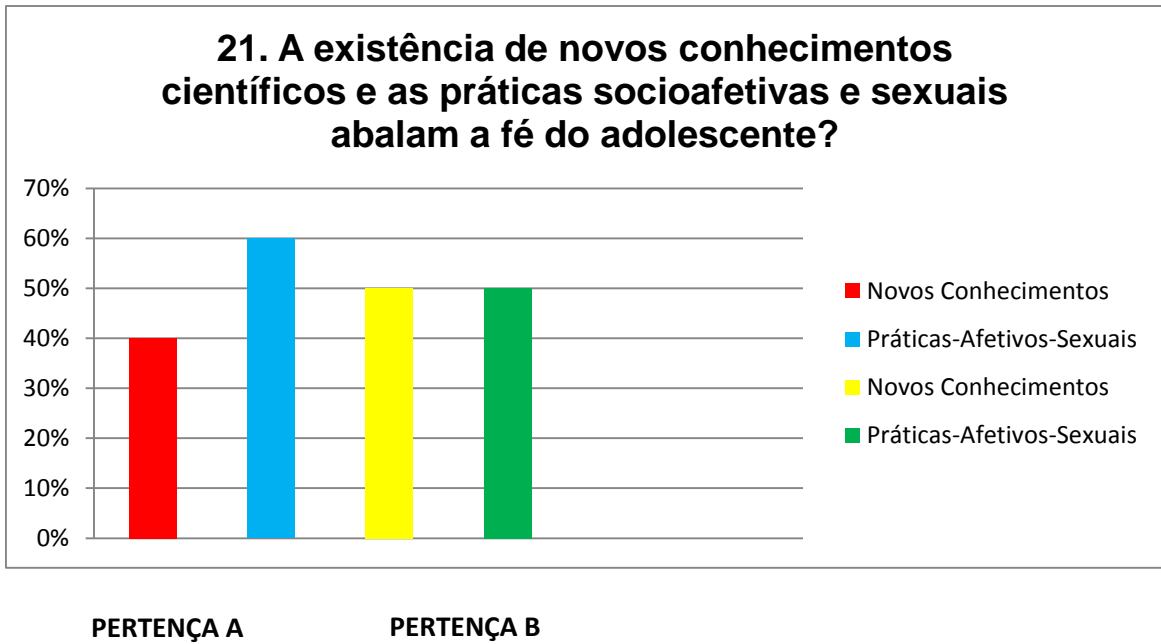
Na vigésima primeira questão, perguntou-se sobre a “existência dos novos conhecimentos científicos e as práticas socioafetivas e sexuais, se estes abalavam a fé construída pela família, catequese e Igreja” (q. 21).

Para esse questionamento, as respostas foram:

Na Pertença A, 40% responderam que os novos conhecimentos científicos abalavam a fé e 60% responderam que as práticas socioafetivas e sexuais.

Na Pertença B, 50% responderam que os novos conhecimentos científicos e 50% responderam que as práticas socioafetivas e sexuais como mostra o gráfico 21.

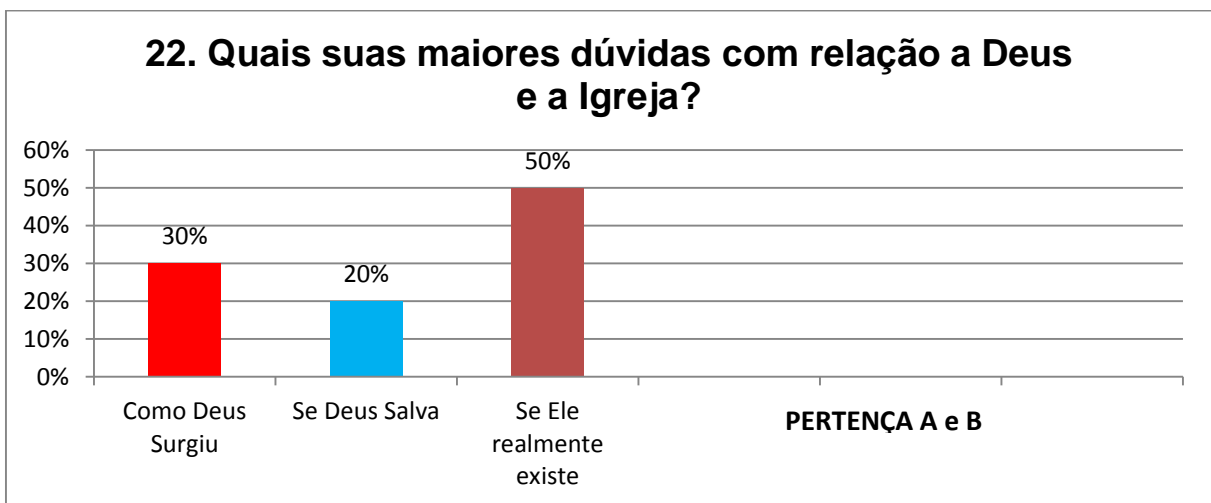
GRÁFICO 21- Influência dos novos conhecimentos científicos e das práticas socioafetivas e sexuais sobre a fé dos adolescentes



Fonte: E.M.C.PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

A pergunta seguinte foi sobre “quais eram as maiores dúvidas do adolescente com relação a Deus e a Igreja” (q.22). Entre as respostas que se destacaram nas duas pertenças foram: 30% Como Deus Surgiu? 20% Se Deus salva? 50% Se Ele realmente existe?

GRÁFICO 22 - Dúvidas sobre Deus e a Igreja



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

Como se percebe na questão acima, as dúvidas sobre a existência de Deus são bem típicas da fase formal piagetiana e da passagem da fase da heteronomia para autonomia na adolescência.

Na questão seguinte foi perguntado “se a religião ajuda a dar sentido à vida e a exercer eticamente uma profissão” (q.23).

A esse questionamento as Pertenças responderam em igual porcentagem, sendo 100% afirmando que a religião dá sentido à vida e 100% responderam que a religião ajuda a exercer eticamente bem uma profissão como mostra o gráfico 23.

GRÁFICO 23 - A religião: o sentido da vida e a profissão



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

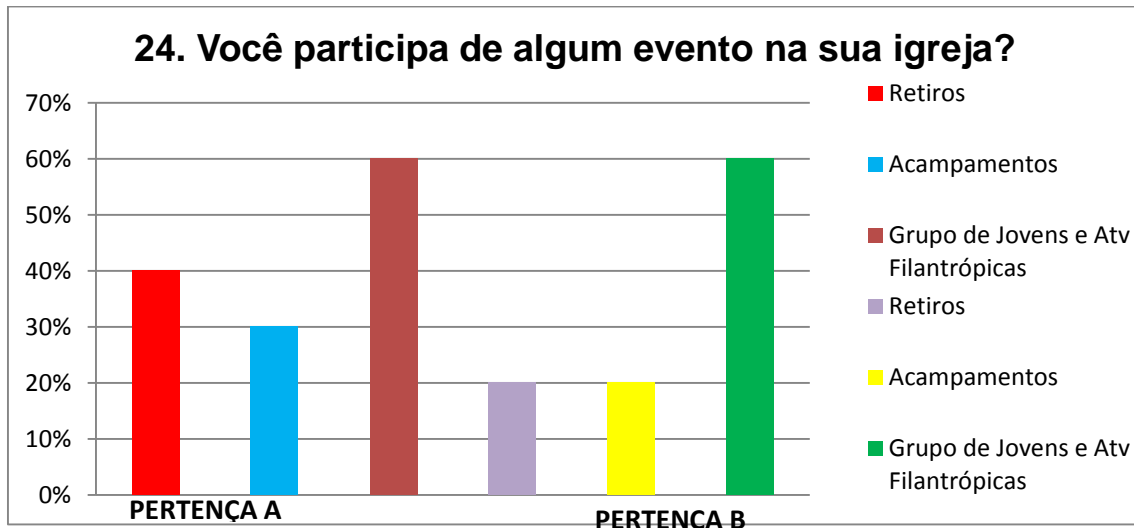
Na vigésima quarta questão foi perguntado “se participava de retiros espirituais, acampamentos, grupos de jovens e atividades filantrópicas de sua Igreja” (q. 24).

As respostas foram as seguintes:

Na Pertença A, 40% responderam que participam de retiros, 30% de acampamentos e 60% do grupo de jovens e atividades filantrópicas.

Na Pertença B, 20% participavam de retiros, 20% participavam de acampamentos e 60% do grupo de jovens e atividades filantrópicas como bem evidencia o gráfico a seguir.

GRÁFICO 24 - Participação nas atividades da Igreja de pertença



Fonte: E.M.C. PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

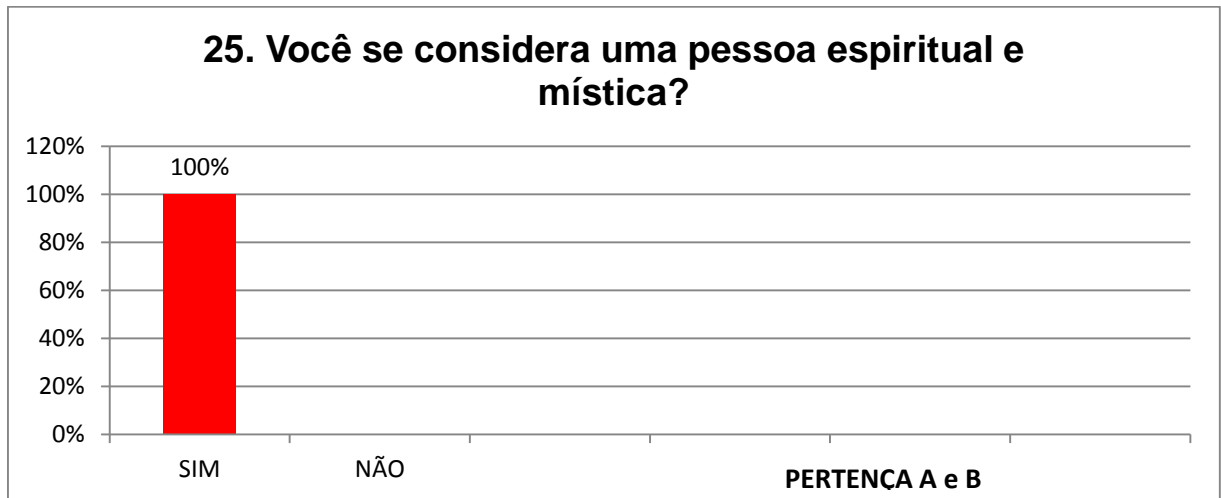
O último questionamento foi sobre “se o adolescente considerava uma pessoa espiritual (ligada a Deus) e mística (profundamente ligada a Deus)” (q. 25).

As respostas foram em 100% afirmativas. Ou seja, todos se consideraram ser pessoas espirituais e ligadas a Deus.

Essa unanimidade dos adolescentes talvez aponte para uma não compreensão da questão que se refere a assuntos (espiritualidade, misticismo) não comuns na catequese das Igrejas. No entanto, as respostas parecem evidenciar uma boa autoestima dos jovens no campo da espiritualidade e da união com Deus.

O gráfico a seguir parece esclarecer o acima colocado.

GRÁFICO 25 - Os adolescentes e sua espiritualidade e misticismo



Fonte: E.M.C.PAZ, Pesquisa de campo, 2014.2

Através desses resultados, de modo geral, observa-se um número significativo de adolescentes que acreditam na existência de Deus e essa crença é observada como um auxílio muito presente, não apenas nos momentos de dificuldades, mas também como fonte cotidiana de orientação e coragem para seu desenvolvimento.

A grande maioria não se considera em crise, especialmente os adolescentes evangélicos que não têm tão forte o hábito da crítica.

A seguir uma análise qualitativa desses resultados e das observações realizadas através da Pesquisa de campo (2014.2).

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Entre as observações realizadas, pode-se crer que a concepção da ligação com Deus está muito eivada de uma visão de um Deus nas alturas com quem eu me relaciono individualmente.

Percebe-se ainda uma forte dicotomia e ambiguidade na fé adolescente, fruto da passagem da heteronomia infantil para a autonomia adolescente, configurando-se a tendência à “subjetivização” com certo protagonismo na expressão da própria fé de acordo com os seus esquemas cognitivos.

De acordo com Piaget ao chegar à fase formal, o adolescente já é capaz de se libertar da heteronomia em que vivia e passa a criar seus próprios esquemas cognitivos e afetivos (fase formal), diminuindo as velhas convicções, gerando uma inquietude diante do que se esvai do seu ser (visão infantil do mundo), acontecendo em sua religiosidade ambiguidades e muitas dúvidas religiosas.

Os resultados demonstram que a pertença na vida do adolescente se caracteriza por uma fidelidade a Deus e às tradições de seus pais na Igreja de pertença, grande parte militando nas Igrejas protestantes.

E diante de todas as incertezas, advindas do mundo pós-moderno, os adolescentes elaboram suas concepções e seus valores, ressignificando a todo o momento sua forma de ver o mundo.

Desta maneira as incertezas e as inseguranças do mundo atual tornam-se aspectos consideráveis ao avaliarmos as inconstâncias da adolescência, pois é nesse ambiente que os adolescentes vivem parte de suas vidas e dele arregaça toda sua formação como adultos no futuro.

Assim, podemos observar que algumas características marcantes da pós-modernidade vêm se revelando nas décadas que sucedem. Uma delas é a perda de autonomia das instituições religiosas frente aos seus fiéis que não se sentem mais obrigados a obedecer a regras e padrões de conduta pré-estabelecidos. Talvez, por isso, não se sintam incomodados em expressar suas crenças, valores e sentidos, transitando em diferentes formas religiosas.

Os adolescentes já não enxergam a instituição religiosa como sendo única produtora de sentidos religiosos, nem como portadora exclusiva de verdades religiosas.

Isso encaminha os indivíduos a não se sentirem incomodados em questionarem as decisões institucionais. Ou mesmo que não questionem, adotam práticas e estilos condenados pela instituição à qual estão filiados.

Essas práticas de enfrentamento, ainda que maquiadas, revelam descontentamento e tensão entre as gerações, pois conservam, em seu bojo, sentimentos de renovação e mudança de pertença.

4.3 OS PRINCIPAIS INDICADORES DA CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA DOS ADOLESCENTES EVANGÉLICOS E CATÓLICOS DE BOA VISTA (RR)

Os principais indicadores da crise ou não de fé e de pertença religiosa, revelados durante a pesquisa de campo foram:

- influência da família e dos amigos;
- divisão nas Igrejas;
- os prazeres (tentações);
- falta de liberdade na Igreja;
- insatisfação com a Igreja;
- falta de acolhimento na Igreja;
- falta de fé;
- falta de intervenção divina;
- falta de conhecimento da doutrina e desmotivação;
- discurso ultrapassado dos padres e pastores;
- falta de intimidade com Deus;
- dúvidas quanto à existência de Deus;
- incoerência com a doutrina e com a sociedade.

A crise de pertença religiosa ainda é muito complexa e são os mais variados tipos de motivação e sentimentos que levam os adolescentes a deixarem suas Igrejas de pertença e a se converterem a outras Igrejas, sendo bem forte a influência

da família e dos amigos nesse tempo do grupo de pares em que a amizade conta muito no processo de autoafirmação de suas personalidades.

Também a insatisfação com a Igreja de origem e o acolhimento personalizado das Igrejas da mudança levam muitos adolescentes a mudarem de Igreja, entre outros sentimentos e motivações.

Entre os sujeitos da amostra, o não desligar-se totalmente da Igreja e, principalmente dos valores religiosos, garante que a experiência religiosa entre os adolescentes entrevistados contribui para uma correta inserção na vida adulta que se aproxima e que tanto vai exigir dos adolescentes, em nível de conhecimento e sentimentos, que os tornem felizes e em paz de consciência.

Os adolescentes concordam totalmente que a religião ajuda a dar sentido à vida material e à vida espiritual. Nos resultados, chamou-me a atenção o fato de não considerarem estar em crise de fé e o fato da grande maioria não passar por uma crise religiosa, o que não era esperado ante tanta bibliografia a favor dessa crise de fé adolescente.

Talvez se explique isso pelas motivações na religiosidade infantil que fazem com que os adolescentes passem pela adolescência sem o rompimento com suas Igrejas como é o caso da maioria dos sujeitos dessa amostra.

Cabe ressaltar que nas religiões são as mudanças que mantêm viva a continuidade da tradição, assegurando que elementos considerados importantes dentro do segmento apenas vão receber uma nova abordagem considerada mais moderna.

Entretanto, deve-se levar em conta que nas sociedades consideradas modernas, as construções religiosas se dão a partir de experiências religiosas que foram formadas a partir da vivência dos sujeitos ao longo de sua trajetória existencial nos mais diversos espaços de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término da pesquisa nos fez perceber que as crises de pertença geracionais ocorrem justamente porque os diferentes grupos sociais não têm a mesma interpretação da realidade.

As principais semelhanças e diferenças entre católicos e evangélicos são as seguintes:

Os evangélicos são semelhantes aos católicos: na crença em Deus (100%), na infelicidade quando afastado das Igrejas (100%), excelente concepção de Deus (100%), nenhum adolescente se considera melhor que os de outra Igreja (100%), a família e os amigos influenciam na crise de pertença do adolescente, os novos conhecimentos científicos e as práticas socioafetivas e sexuais abalam a fé do adolescente, duvidam da existência de Deus (50%), a religião ajuda a dar sentido à vida e a exercer eticamente uma profissão (100%) participação nos grupos de jovens com filantropia (60%) e todos se consideram pessoas espiritualizadas (100%).

Os católicos são diferentes dos evangélicos: na fé e ação (C: 80%; P: 65%), frequência semanal à Igreja (C: 25%; P: 70%), conhecimento profundo da doutrina (C:10%; P:50%), leitura da Bíblia Sagrada (C: 10%; P: 70%), razões do abandono da Igreja (C: Pecado:50%;P: Conflito emocional: 60%), razões da conversão a outra Igreja (C: amizades erradas: 40% e sentir-se magoado: 40%; P: não sentir-se bem: 40% e amizades erradas: 30%), entre outras características de menor importância.

Dessa forma, a Crise de fé e de Pertença Religiosa na amostra dos dados analisados quase não existe, sendo necessário, no entanto, observar como os adolescentes desse século assimilam as orientações cotidianas de suas lideranças, bem como ressignificam suas práticas, experiências, visões de mundo e sentimentos de pertença religiosa.

Quando nos referimos às causas da crise de fé e de pertença religiosa, estas indicam como os adolescentes desse século percebem bem a religião, e caminhos novos são vislumbrados para uma possível mudança na postura de como esse grupo é e tem sido percebido.

Sem dúvida, as características ora apresentadas configuram-se como desafios para as Igrejas desse século, tendo em vista que os adolescentes de agora serão seus líderes amanhã.

Dessa forma, ao relativizar a religião, sua fé e crença, os adolescentes tendem a se distanciarem do propósito defendido pelas instituições que sempre prezam pela continuidade da tradição e pela construção de uma identidade religiosa petrificada num mundo tão celeremente mutante.

No último capítulo podemos observar mais de perto como esses adolescentes se comportam de modo ambíguo, ou seja, frequentando mais ou menos as suas Igrejas (Evangélicos: 70%. Católicos: 40%),, havendo pouco desligamento da Instituição religiosa e conciliando os valores mundanos com a fé de suas Igrejas, vivendo uma espiritualidade pessoal e um relacionamento com Deus bem típico da cultura da subjetividade, confirmando em parte a literatura sobre a crise adolescente e juvenil da fé e da pertença religiosa.

Os adolescentes da amostra, diante de um mundo pluralista, também no campo religioso, e da inversão de valores, creem em Deus (100%), frequentam pouco suas Igrejas (35%), afirmam não se sentirem em crise de fé e de pertença, mas em discurso posterior mostram elementos dessa crise (vide indicadores acima!), conservando ainda, na sua maioria, a fidelidade aos valores religiosos transmitidos, sendo a família e os amigos fatores da conservação ou mudança de religião.

A Pesquisa de campo nos revela, pois, uma riqueza de dados sobre os quais devemos nos debruçar para preparar um futuro melhor para a humanidade a partir dos adolescentes, futuro de um país, pela vivência da solidariedade e de valores duradouros.

REFERÊNCIAS

a) LIVROS:

BOSMA, H. A. **Le développement de l'identité a l'adolescence.** L'orientation Scolaire et Professionnelle, 1994.

BERGER, P.L. - LUCKMANN, T., **Modernidade, pluralismo e crise de sentido - A orientação do homem moderno.** Petrópolis: Vozes, 2004.

CARRIER, H. **The sociology of religious belonging.** London: Darton, Longman & Todd, 1965.

ERICKSON, E. H. (1972). **Identidade, juventude e crise: Teorias da psicopatologia e personalidade.** 2 ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

ERICKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Kimmel, D. C., & Weiner, I. **La adolescencia: una transición del desarrollo.** Barcelona: Ariel, 1998.

FOWLER, James. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.** São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. **Le religieux après la religion.** Paris: Grasset, 2004.

FERNANDES, Silvia Regina A; e PITTA, Marcelo. **Mapeando as rotas do trabalho religioso no Brasil.** In: **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, RJ 2006, v. 26.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Pioneira, 1972.

FOWLER, James. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido.** São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

Fizzotti, Eugenio. *Verso una psicologia della religione. Vol. I: Problemi e protagonisti.* Torino: Elle Di Ci, 1992.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HABERMANS, Jürgen e RATZINGER Joseph. **Dialética da secularização**. Sobre razão e religião. Florian Schüller (org.). Alfred J. Keller (trad.). Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **A transmissão religiosa na modernidade**: elementos para a construção de um objeto de pesquisa. In: Estudos da Religião. São Bernardo do Campo, S P: 2000, ano XIV, nr. 18.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez Editora, 2000.

MOTA, A. R. S. **Experiência religiosa juvenil numa cultura da subjetividade**. In: Revista Lumen Vol. 16, No. 1 (2007): 93-116.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje**: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. EUGÊNIO, Fernanda (Orgs) *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PAIS, José Machado. **Buscas de si**: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

RICHARDS, S. BERGIN. A. **A Spiritual Strategy for Counseling and Psychotherapy**. Washington, DC: American Psychological Association, 1997.

SOUZA, B.M,L.MS (orgs). Prefácio. In: CAMARGO. C.P.F: **Sociologia da religião e Mudança social**: católicos, protestantes, e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

SERBENNA, I.M.B. **Fé e vida crescem juntas**. São Paulo: Paulus, 1987.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Ayres Marcelo. **Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais**. In: Numem: Revista de Estudos e Pesquisas da Religião. Juiz de Fora (MG): Editora da UFJF, 2004, v. 7 n. 1, p.181.

ZACARÉS, J. J. **Una revisión de las medidas utilizadas en el estudio de la formación de la identidad en la adolescencia**. In M. Marín & F. J. Medina (Orgs.), *Psicología del desarrollo y de la educación: la intervención psicoeducativa*. Sevilla: Eudema, 1996.

b) Sites:

AMARAL, AnaLúcia. **Pertencimento.** Disponível em: <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php> . Acesso em: 27 de jan 2015.

BOOF, Leonardo. **Crise dos Valores Tradicionais.** In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto editora 2003-2014. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/crise-dos-valores-tradicionais> Acesso em 06 de Out 2014.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/.html Acesso em 30 DE set 2012.

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO MISTO****“OS ADOLESCENTES EM CRISE DE FÉ E DE PERTENÇA RELIGIOSA:
COMPARAÇÃO ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS EM BOA VISTA (RR)”****A – DADOS SOCIO-DEMOGRÁFICOS**

Código do entrevistado: _____

1 - Idade: _____

2 – Sexo:

2.1 Masculino

2.2 Feminino

3 – Escolaridade:

3.1 Ensino Fundamental

3.2 Ensino Médio

3.3 Ensino Superior

4 - Você é:

4.1 Casado (a)

4.2 Convivente

4.3 Divorciado (a)

4.4 Separado (a)

4.5 Solteiro (a)

4.6 Outro

5 – Seus pais trabalham?

5.1 Sim

5.2 Não

Se trabalham, qual a renda do pai? R\$ _____ e qual a renda da mãe?

R\$ _____.

6 – Na sociedade liberal e materialista de hoje, você acredita que Deus existe?

6.1 Sim

6.2 Não

Se você acredita na existência de Deus, *como você sabe* (conhece, sente) que Ele existe?

7 – Se Deus existe, você se relaciona com Ele?

7.1 Sim

7.2 Não

Como você se relaciona com Ele? _____

8- Como você imagina que Deus é (qualidades de Deus)? _____

9 – Basta ter fé e amor a Deus (religião subjetiva, interior) ou é necessário participar (frequentar, testemunhar) da Igreja (comunidade de fé)?

9.1 Basta ter fé e amor a Deus.

9.2 É necessário participar da Igreja.

9.3 Os dois (ambos).

9.4 Nenhuma das opções.

10 – Você pertence (faz parte) à Igreja:

10.1 Católica

10.2 Evangélica

Por que você escolheu essa Igreja? _____

11–Qual a frequência à sua Igreja?

11.1 Semanalmente

11.2 Mensalmente

11.3 Anualmente

11.4 Raríssimas vezes

11.5 Não frequenta

11.6 Não respondeu

12 – Você tem conhecimento profundo da doutrina da sua Igreja?

12.1 Sim

12.2 Não

13 - Você conhece (estudou):

3.1 O Catecismo da Igreja Católica para crianças?

13.2 O Catecismo da Igreja Católica para adultos?

13.3 A Bíblia Sagrada?

13.4 Outros livros? Quais? _____

14- Você se considera melhor do que os adolescentes da outra Igreja?

- Sim
- Não

Por que? _____

15 - O que leva (sentimentos, motivações) um adolescente (13-17 anos) a deixar de frequentar ou abandonar a sua Igreja?

16 - O que leva um adolescente a se converter a outra religião (Igreja)?

17- Você acha que está passando por uma crise religiosa (dúvidas, descontentamento, críticas e afastamento da Igreja)?

- 17.1 () Sim
- 17.2 () Não

Como é essa crise?

18 – Você acha que suas antigas convicções (da infância) em relação a Deus e à sua Igreja estão diminuindo ou aumentando?

- 18. 1 Diminuindo em relação a Deus.
- 18. 2 Diminuindo em relação à Igreja.
- 18. 3 Aumentando em relação a Deus.
- 18.4 Aumentando em relação à Igreja.

Por que?

19 – A não vivência e prática religiosa dos membros de sua família, dos amigos (colegas) e da sociedade influenciam ou não a crise religiosa do adolescente ou jovem?

- 19.1 Dos membros da família () Sim () Não
- 19.2 Dos amigos (colegas) () Sim () Não
- 19. 3 Da sociedade (outros) () Sim () Não

Como é essa influência? _____

20 – O adolescente é feliz quando está afastado (não frequenta) da sua Igreja?

20.1 Sim

20.2 Não

Porque? _____

21 – Os novos conhecimentos científicos (teorias do Big Bang, do evolucionismo, clonagem, pílula, camisinha, etc.) e as práticas sócio-afetivo-sexuais (namoro, “ficar”, relações sexuais, danças, festas, bebidas, etc.) abalam a sua fé construída pela família, catequese e Igreja?

21.1 Novos conhecimentos: () Sim () Não

21.2 Práticas sócio-afetivo-sexuais: () Sim () Não

Por que? _____

22 - Quais as maiores dúvidas que o adolescente temem relação a Deus e à Igreja?

22.1 Em relação a Deus: _____

22.2 Em relação à Igreja: _____

Por que? _____

23 - A religião ajuda a dar sentido à vida e a exercer eticamente bem uma profissão?

23.1 Dar sentido à vida: () Sim () Não

23.2 Exercer eticamente bem uma profissão: () Sim () Não

Como? _____

24 - Você participa (faz, fez) de retiros espirituais, acampamentos, grupos de jovens e atividades caritativas (filantrópicas) de sua Igreja?

24.1 Retiros espirituais: () Sim () Não

24.2 Acampamentos: () Sim () Não

24.3 Grupos de jovens: () Sim () Não

24.4 Atividades caritativas: () Sim () Não

Por que? _____

25 - Você se considera uma pessoa espiritual (ligada a Deus) e mística (profundamente ligada a Deus)?

25.1 Sim

25.2 Não

Como você manifesta isso? _____
